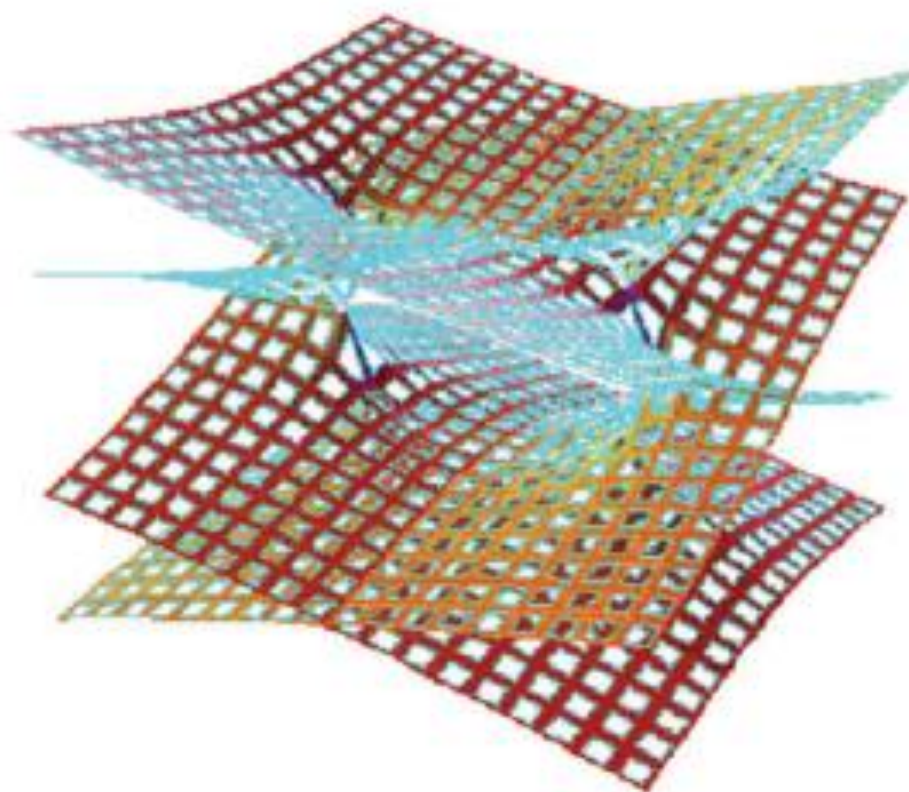


WUNSCH

Número 17
Fevereiro 2018



Editorial

Esta Wunsch 17 é a primeira contribuição de nosso CIG 2016-2018 para o boletim internacional da EPFCL.

Temos escolhido as contribuições de nossa Jornada Europeia de Escola que aconteceram nos dias 21 e 22 de janeiro de 2017, sobre esta questão interessante “O saber do psicanalista e seu saber-fazer.

Temos retenido os trabalhos de duas AE recentemente nomeadas, certos textos dos membros do CIG e outros textos.

JORNADAS EUROPEIAS DE ESCOLA,

BARCELONE, 21 & 22 JANEIRO 2017

“O saber do psicanalista e seu saber-fazer”

O que se põe em tensão com esse tema é paradoxal uma vez que existe o saber inconsciente sem sujeito e a transferência que se dirige pelo amor ao sujeito suposto saber que é o analista para o analisante. Como cernir o saber adquirido numa análise, Lacan tendo jogado com este adquirido sob a forma de “a quem?”.

Um psicanalista deve saber, ao menos, o que é da estrutura e do efeito da linguagem; saber difícil, do qual Lacan nos diz “os psicanalistas não podem conversar”.

Esses textos questionam a psicanálise e os limites da transmissão que, no entanto, se faz pela boa fortuna de aquele que escuta, sabendo que o saber-fazer, não é apenas imprevisível, mas que – como tantos outros *saber-fazer* – responde ao lugar de um impossível da garantia e da transmissão.

INTERVENÇÕES DAS DOS AE, NOMEADAS EM FEVEREIRO E NOVEMBRO DE 2016.

Fazendo caminho

Marie-Noëlle Jacob Duvernet

Na minha vez de retomar a questão do saber fazer do analista, eu gostaria de precisar da seguinte maneira : o fim da cura e a experiência do passe podem modificar a prática ? O passe, certamente, é uma mudança mas é preciso algum tempo para tomar sua medida. O tempo, também, para examinar a experiência para que ela não “se insira no inefável”¹.

Então, hoje eu direi que minha prática se modificou no sentido de uma confiança. Se afirmou uma confiança paciente que visa o dizer. Aquela que permite sustentar pacientemente o dizer

O espelho da impaciência cedeu. Para não ser mais capturado pelo desânimo do analisante que se esmaga da repetição do que ele diz, dos ditos repetidos, dos ditos usados, dos ditos mentirosos. O que se repete lança alguns à impaciência até num corpo aborrecido. Outros, ao contrário, podem deslizar-se felizes no calor do já conhecido. As experiências são certamente diferentes.

Para mim, é a passagem da impaciência à paciência que visa um dizer. Paciência e dizer vão juntos e levam a pensar uma cura como o caminho que tomamos e se orienta por um fazer dizer.

O fazer dizer como ilustração do saber-fazer é, então, o que eu vou desdobrar.

Paciência do real

Qual é a paciência do analista?

Sobre essa questão da paciência eu retomo a princípio o interesse de São Agostinho pela causa. A causa da paciência é importante para ele e para nós também. Ela deve, ele diz, ser outra coisa que a paixão. Caso contrário, ela é falsa, falsa paciência, uma paciência apaixonada que é apenas o reverso da impaciência. Damos-lhe razão, paciência e impaciência se misturam quando são ambas plenas de uma paixão da qual podemos sofrer.

É preciso uma outra causa para o analista.

É a paciência uma técnica? Freud lembra repetidamente a paciência necessária ao praticante da análise. Ele o faz quando se trata de contrarrestar as derivas selvagens do começo da psicanálise e de estabelecer o próprio dispositivo analítico. Nos textos agrupados sob o título “A Técnica Psicanalítica” e naquele de 1914 “Recordar, Repetir e Elaborar”.

Ele nos diz, comunicar ao paciente sua resistência não é suficiente para levá-la. “Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para *elaborá-la*, para *superá-la*, pela continuação, em desafio a ela [...] O médico

¹ Lacan, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 290

nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apressado.”²

Trata-se da paciência como conselho técnico que não é sem valor, mas isso não impedirá que o praticante possa sofrer de impaciência. É preciso ir além da aproximação técnica como Lacan indica em “A direção do tratamento”.

A impaciência, não teria ela a ver com a angústia? Em “Função e campo da fala e da linguagem” Lacan liga a angústia à opacidade de uma ação simbólica. Mais precisamente a angústia do analista é possível desde que descobre na ação que é a sua a figura nua de seu poder. Lacan fala mesmo de um medo que se apoderou do psicanalista.³

Mas, qual é esse o poder do analista? Se se tratar de estar por cima [*garder le dessus*], esse poder não angustiará. E estar por cima é, em si mesmo, explícito. A causa da que falávamos há pouco é aqui plena. E estar por cima faz parte das três paixões do analista com a da ignorância e a de não decepcionar.

Três paixões para uma causa plena que não deixa lugar à angústia.

Pelo contrário, o poder do analista como figura nua, reenvia à outra coisa. Trata-se da nudez real ligada à causa como aquilo que falta. Um real que impaciente para deter a angústia. Uma impaciência que, podemos dizer, é defensiva frente à angústia.

Portanto, é uma posição respeito ao real o que determina paciência ou impaciência. E eu diria que o analista se orienta pela paciência do real.

Não é a totalidade que faz caminho, é o seu vazio.

Então isso nos reenvia ao vazio da ranhura, essa do dizer donde Lacan nos fala em *Os não tolos erram / Os nomes do Pai*⁴. O vazio da ranhura para que escoe o dizer.

Percebi, por acaso, que a paciência na língua francesa também é uma antiga ferramenta com uma fenda. O objeto é chamado "paciência para botões" [*patience à boutons*]⁵ É uma placa utilizada pelos soldados, perfurada ao longo e com uma ranhura central. Deslizando sob os botões do uniforme, permite poli-los sem sujar o tecido.

Isso nos evoca as grandes guerras do século passado na Europa mas também que um dispositivo fendido, chamado paciência, pode mostrar o que é visado, distinguido-o.

A paciência como ferramenta faz aparecer o botão. Em nosso campo, a paciência do analista tem por objetivo fazer aparecer o real, intensificar esse real para que advenha o dizer verdadeiro. E que esse dizer escoe pela ranhura. Em nosso campo, a paciência do analista não tem outro objetivo que o de intensificar o real para que advenha o dizer verdadeiro da ranhura. Alguma coisa escoa que não é a verdade e sua impaciência, mas um dizer.

Eu colocarei igualmente esta paciência ligada com a paz que evoca Lacan na sua “Proposição...”⁶ de 1967 sobre o passe. A paz faz parte dos afetos do final de análise, listados por Colette Soler em seu livro sobre esse assunto⁷, ao lado do entusiasmo e da satisfação.

² Freud, Sigmund. “Recordar, repetir e elaborar”, Obras completas. Tomo XII, p. 85.

³ Lacan, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*, 1966. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 243.

⁴ Optamos por traduzir *Les non dupes errent* nos dois sentidos que esta expressão proporciona em português.

⁵ “*Patience à bouton*” a tradução literal seria “Paciência para botões”. Não foi encontrado correlato em português, razão pela qual traduzimos literalmente a expressão. (NdT)

⁶ Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260.

⁷ Soler, Colette. *Les affects lacaniens*. Paris: P.U.F.; 2011.

Sem ser equivalente, a paz não é o entusiasmo, nem tampouco lhe contradiz, eles fazem parte da série das positivities testemunhando de uma conversão do horror de saber.

Lacan precisa em sua Proposição que “a paz não vem selar prontamente...”⁸. Uma precisão justa me parece, que deixa ouvir a prevalência do entusiasmo no tempo imediato do passe, e depois virá a paz “que sela essa metamorfose”⁹

Fazer dizer

Continuemos com essa ranhura que deixa aparecer o que é visado em uma análise. Uma ranhura para que se escoe um dizer verdadeiro, aquele do saber enquanto que inconsciente.

Mas o que o analista pode bem saber fazer no lugar do dizer que se escoia na ranhura? Fazer dizer, é isso um saber fazer do analista?

Nós vimos a paciência que pode caracterizar o desejo do analista, uma paciência do real. Como uma paciência será capaz de fazer, ser um fazer? Parece-me que ela poderia fazer se ela não for uma paciência imóvel, se o analista visa um movimento. É assim que eu leio Lacan a partir das várias referências ao caminho, à facilitação da via, ao movimento.

Assim eu o cito:

“[...] não digo para um progresso - não aspiro a nada dessa ordem, como se sabe -, mas para um movimento necessário.”¹⁰

“[...] no caminho a partir do qual o real chega ao essencial”.¹¹

“[...] impressa-nos tanto na parede do impossível, que se emite o “não é isso”, que é o vagido do apelo do real.”¹²

“[...] o itinerário de uma verdade que, com efeito, não eclode em parte alguma.”¹³

O valor do movimento é particularmente explícito no texto “Aturdido”. O dizer é aí justamente definido a partir do movimento.

O homem é volta, é homem-volta¹⁴ que volta na ronda dos discursos e imprime um dizer. Um dizer que se deduz do movimento e não da fixidez. Os ditos, quanto à eles, restam imóveis e acumulativos. Porque eles não se esquecem, eles se adicionam. O dizer, ele, se esquece mas permite o movimento que não é outro que ir ao longo do muro do impossível. O caminho corre ao longo do muro tomando nota [*en prenant acte*] sucessivamente das diferentes formas do impossível.

É isso o caminho que não leva a nenhuma verdade, um caminho que não vai a lugar algum, mas se toma ao longo do muro do real e aí se roça. Roçar o corpo ao longo do muro é provar as diferentes formas de impossível, aceita-las. O caminho do muro da análise.

Roçar-se às formas de impossível, à isso que não poderemos dizer completamente nem de modo consistente, o que não poderemos demonstrar. E logo, o indecível que é a forma, a

⁸ Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260.

⁹ Ibid.

¹⁰ Lacan, Jacques. Discurso à Escola Freudiana de Paris. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 285.

¹¹ Lacan, Jacques. Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 445

¹² Lacan, Jacques. O Aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 452

¹³ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 24: *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Lição de 15 de fevereiro de 1977. Texto inédito. Tradução para o português da Edição heReSIa. p. 77

¹⁴ Lacan, Jacques. O Aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 455

mais lograda do impossível, excluindo qualquer possibilidade de conclusão. O indecível como anti-conclusivo radical, representa esta falha mesma do dizer.

O indecível assinala nossa irreduzível precariedade de psicanalista mas também o possível movimento do dizer como saber a inventar.

Saber fazer sem hífen

Como o analista pode mostrar o caminho que não leva a parte alguma mas é a se tomar? Se trata, por outro lado, de mostrá-lo com um dedo levantado? Se trataria de incarnar o que não podemos explicitar? Como a aceitação do impossível pode ela passar em um saber fazer?

Eu proponho o seguinte: trata-se de um saber fazer a ser escrito sem hífen, simplesmente ouçam sem o caractere tipográfico que uniria o saber e o fazer. Certamente, um saber e um fazer funcionam juntos como saber fazer, mas a ser escrito sem a muleta do hífen. Dois termo que suportam a separação, a desunião, como o supõe o fim da análise.

O que importa nessa ausência de muleta é o desequilíbrio produzido. O que está sem muleta cai ou bascula para outra coisa, outro plano no espaço, um outro discurso. O que é sem muleta é sem equilíbrio e sem fixidez. É assim que Lacan fala da imbecilidade¹⁵ donde ele retoma a etimologia latina. “*Imbecillus*” é o que está sem muleta.

Destarte, cada lógica, como cada discurso, revela sua falibilidade, sua imbecilidade de estar sem muleta, o que provoca para cada um sua bascula para um outro discurso. Incluindo aí o discurso analítico que toma lugar na ronda dos discursos constitutiva do dizer. Não há metalinguagem nem do discurso analítico nem de nenhum outro.

Contudo, mais que se integrar na ronda, o discurso analítico é motor do movimento. Precisamente, ele é motor porque ele não escreve a relação de significação S1-S2 nem a relação sexual. É sua particularidade que é necessário não esquecer, uma força de fazer girar todos os outros discursos. O DA faz girar a partir de um ponto de ausência. Esta impossibilidade é sua força.

Então se houve impaciência da verdade haverá a paciência do real que espera o mais além da verdade. Uma paciência que faz dizer - sem a muleta do hífen - o gozo que desune e vai só. A paciência do dizer do analista.

Esta ausência de hífen, mais que um detalhe tipográfico, evoca o consentimento ao impossível da relação que há no saber-fazer; e também evoca que a psicanálise é um movimento que se propaga.

Tradução: Glaucia Nagem

Revisão da tradução: Sandra Berta

¹⁵ Lacan, Jacques. O Aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 481.

Uma psicanálise não pode tudo

Elisabete Thamer

O que nos ensina uma psicanálise? Que uma psicanálise não pode tudo. Não, ela não pode nos livrar de todos os nossos sintomas, ela não pode tampouco nos oferecer a palavra final de um saber que gostaríamos tanto de obter.

Uma psicanálise não pode tudo, porém ela pode algo. Ela pode, com certeza, nos liberar de alguns dos sintomas que nos levaram até ela. Ela nos permite também, ao final, obter um quinhão de saber sobre nós mesmos, sobre o sentido de nossa fantasia fundamental, assim como um certo saber sobre a psicanálise, sobre seu método, sobre seu alvo. O que a psicanálise pode não é, portanto, “tudo”, mas o que ela pode não é tão pouco assim.

Pessoalmente, eu penso que o fim da análise depende justamente de como o sujeito responde ao que a análise *não pode* lhe dar. Mas, como se pode saber o que a análise pode e o que ela não pode, senão pela própria experiência singular de cada análise? Como se pode alcançar um saber sobre seu saber, saber que se sabe o suficiente para terminar uma análise? Como saber quais são os elementos de gozo irreduzíveis?

A história de cada análise é a história do amor do analisante ao saber. Saber que ele imagina poder alcançar pelo deciframento, já que ele supõe que aí há um sujeito, mas, sobretudo, porque ele espera que este saber, oriundo do deciframento, aja sobre seus sintomas. De fato, este é o caso para alguns dentre eles, mas não de todos. Não, a análise não pode tudo. Não há meios de finalizar uma análise sem saber algo sobre o que não cessará mesmo com uma análise.

Se justapusermos duas pequenas formulações de Lacan nas quais está implicado o saber, obteremos de modo condensado o impasse de toda análise sobre este ponto, eu diria mesmo o impasse inevitável de toda análise, mas um impasse que pode, contudo, ser atravessado. A primeira, que define a transferência e a segunda, que define o inconsciente. Sobre a transferência, Lacan diz que “é amor que se dirige ao saber”¹⁶ e, sobre o inconsciente, ele diz que é “um saber sem sujeito”¹⁷. O amor transferencial é assim a presa de um engano fundamental, pois o saber inconsciente se encontra fora do alcance do sujeito.

Se eu digo que a psicanálise não pode tudo, isto provém dos limites que lhe são impostos ao mesmo tempo por seu instrumento – a fala – e pela própria natureza do inconsciente que a fala tenta cingir, reduzir. Além do fato de ser inesgotável, o inconsciente é também “um trabalhador ideal”¹⁸, dizia Lacan, pois nunca faz greve. Ele também é real, ou seja, ele sempre excederá o esforço, mesmo colossal, que se possa fazer para decifrá-lo. Trata-se da perspectiva de um impossível, que deixa no meio do caminho decepcionados e resignados que confundem essa impossibilidade com impotência: sua ou de seus analistas, pensam eles. Talvez ainda muito ligados ao preceito freudiano de um *Wahrheitsliebe* – o “amor à verdade” como base da relação analítica¹⁹.

¹⁶J. Lacan, Jacques. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 555.

¹⁷J. Lacan, Jacques. O ato psicanalítico. In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 372.

¹⁸J. Lacan, Jacques. Televisão. In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 517.

¹⁹Cf. S. Freud. Análise terminável e interminável. In: *Obras completas*, Standard Edition, trad., José Octavio de Aguiar Abreu, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, p. 282; “Die endliche und die unendliche Analyse”, in

Como se pode então concluir uma análise, se o inconsciente a interpretar nos destina a uma análise infinita? Como saber que se sabe o suficiente para que uma análise *satis-faça*?

Parece-me que a modificação da relação do sujeito ao saber, ao saber que ele esperava de sua análise, está no âmago do deste desenlace.

As contingências de minha *hystoria*²⁰ me levaram a nada mais, nada menos do que “dever dizer sempre a verdade”. Este imperativo foi o resultado consentido de uma educação estrita, acrescida de uma educação luterana endurecida por mim mesma, e que sem dúvida orientou o tom opressor de minha neurose e as modalidades de minha relação ao Outro. Para aqueles que não o sabem, na Igreja Luterana não há confissão como no catolicismo, não há, portanto, penitência nem absolvição pronunciadas por um outro. Apenas o arrependimento sincero face a Deus, sem intermédio de um clérigo qualquer, basta para ser perdoado. Este imperativo “de sempre dizer a verdade” atingiu seu paroxismo na infância, onde, por falta de saber se o que eu dizia era verdadeiro, me sentia obrigada a dizer tudo o que pensava, pronta a pedir perdão àquele a quem me endereçava. Porém, dizer o que eu pensava não garantia absolutamente a verdade do que eu pensava. Vejam bem o turbilhão infernal no qual me encontrava, é o caso de dizer!

Se evoco isso, é apenas para que possam medir porque eu considero que o efeito maior de minha análise – o que me permitiu saborear todos os outros –, foi a realização efetiva da disjunção entre saber e verdade. Esta virada, eu a localizo em um momento preciso, fora de sessão mas não fora da análise e, sobretudo, não sem análise.

Em um momento de extrema franqueza comigo mesma, me perguntei o seguinte: “Sinceramente, após tantos anos de análise, não sou tão boba assim, eu me apliquei nela... O que é que dizem todos esses anos de análise, e o que é que ainda espero dela? Na realidade, posso continuar a falar durante anos... O que é que, no fundo de mim mesma, eu sei que a análise não poderá resolver?” A resposta a esta questão me veio imediatamente, eu a conhecia desde “sempre”... Na sessão seguinte, anuncio à analista: “Uma coisa eu sei: Com relação a isso (...), a *psicanálise* não pode fazer nada. Terei que me virar com isso.” Notem que não se tratava de uma insuficiência qualquer do analista, mas de uma impossibilidade da *psicanálise*. Estranhamente, esse momento não foi, para mim, de modo algum matizado de tristeza ou de resignação, muito pelo contrário. Eu situo “esse momento de verdade aí”, como o produto da interpretação maior da análise, como se a análise inteira tivesse chegado a uma única e grande interpretação que não teria ocorrido sem o ato do analista.

Dois sonhos marcaram, em seguida, a virada para o final e é sobre a natureza dessas manifestações do inconsciente produzidas nesse momento de passe que eu gostaria de dizer algo.

Nos testemunhos de passe, encontramos frequentemente relatos de sonhos, lapsos ou chistes que vão indexar o momento de passe em uma análise. Como compreender esses sonhos ou lapsos que engendram a convicção do sujeito de que um corte ocorreu em sua análise?

É um fato que, no final, há manifestações do inconsciente que permanecem inolvidáveis para o sujeito. Tão inolvidáveis que ele pode testemunhar sobre elas anos depois, sem mesmo ter que recorrer a notas. Aliás, eu acho que a comunidade analítica é, amiúde, afeiçoada ao relato desses momentos, como se esses elementos pudessem esclarecer particularmente, dar corpo ao que se passa no final de análise. Espreita-se um sonho, um significativo, um lapso, prepara-

Gesammelte Werke, vol. XVI, Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, p. 94.

²⁰ Lacan cunhou o neologismo *hystoire* (*hystérie* + *histoire*) para essa história histerizada que o sujeito produz em análise e que não é sua história biográfica ou seu romance familiar.

se para ter que traduzir ou decorticar um neologismo. Deveríamos nos perguntar a que corresponde essa espera da comunidade. Contudo, hoje deixarei esse aspecto de lado.

Minha experiência não foi exceção. Sonhos ditos “particulares” também marcaram esse momento de passe que me afetou de um modo novo e duradouro. Nunca os esqueci, até hoje, passados quase sete anos após o fim de minha análise. Mas, o que tinham esses sonhos de tão particular para ter tanta eficácia? O que os distinguiu de centenas de outros sonhos relatados ao longo de uns bons vinte anos de análise? Essa eficácia residia nos próprios sonhos?

Eu me perguntei, então, por que razão o inconsciente de alguém — esse trabalhador ideal que “não pensa, não calcula e não julga²¹” — por que liberaria ele, de repente, um texto mais revelador que os outros? Enfim um sonho ou um lapso que mudaria tudo? Pessoalmente, não creio muito nisso. Eu penso, sou mesmo convencida, que se sonhos e lapsos inolvidáveis marcam o fim de uma análise, isso não se deve ao fato de que o inconsciente do sujeito, subitamente, lhe enviou um material excepcional, um sonho do tipo “*grand cru*” com relação a todos os outros que são esquecidos na análise após serem decifrados. Por que, nesse momento preciso, o inconsciente revelaria ao sujeito o que até então lhe havia recusado?

Parece-me que, se essas manifestações do inconsciente advindas no momento de passe surpreendem e afetam o sujeito de outro modo a ponto de serem inesquecíveis, isso se dá porque, de seu lado, justamente, o sujeito não as lê mais da mesma maneira, ou até mesmo não as lê mais. Do meu ponto de vista, é isso o mais surpreendente, o que é absolutamente novo para o próprio sujeito. Isso pode, eventualmente, provar que a relação do sujeito a seu próprio inconsciente foi modificada. Chega de associações infindas, de tagarelices cheias de gozo, não há mais libido interpretativa. Foi isso o que ocorreu para mim, e é ainda hoje o caso.

Não amar mais seu inconsciente como si mesmo libera a libido para outras realizações na vida, mas também para renovar o laço com a psicanálise, na clínica e na Escola. E isso vale certamente a pena.

OUTRAS INTERVENÇÕES

Os Acidentes do psicanalista

Marc Strauss

Do saber, que ele seja psicanalítico ou não, é só pegar Lacan e suas referências, temos aos montes – e retomar isso nos ocupa bastante. Mas o saber não diz nada sobre o saber-fazer mesmo que reconheça sua existência.

²¹J. Lacan, Jacques. “Televisão”. In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 517.

Sabemos que há o saber-fazer com *lalangue* que precede o linguista e a gramático. O saber-fazer se aloja no ponto de ignorância, ponto de onde o Outro não pode articular o que está em jogo; é um mais-de-saber com o qual cada um trata o que ele sabe não saber.

Então, quando o saber-fazer cessa de glorificar o sujeito para se tornar uma questão que apela ao saber? É evidentemente quando sobrevém o acidente, a falha no *ronron* fundamental do saber-fazer. O saber é então suposto lhe tratar, quer dizer reduzi-lo a um simples fracasso, desprovido, portanto, de consequência irremediável.

Nosso saber-fazer é psicanalisar, quer dizer, de saída nos dizermos psicanalistas, antes de operar e de sermos habilitados como tal pelos analisantes.

Qual é, então, nosso fracasso, que de fato é uma questão atual para nossa Escola e que, portanto, nos concerne a todos?

Nada mais simples aparentemente que o trabalho do psicanalista: quem, de fato, não deseje conhecer a última palavra do seu desejo, já que é isso mesmo que define o desejo, essa doença parasitária do *falasser*?

Podemos rapidamente nos perguntar se não se deve a uma fraqueza do psicanalista o fato de uma análise não se engajar ou não ser levada a termo. Além disso, Lacan nos disse que não há resistência a não ser do analista. No entanto, sabemos que os analistas não têm todos a mesmo tipo de pacientes, e Lacan nos diz como esses últimos se distinguem a partir de um rasgo comum entre eles.

Trata-se, então, de um caso de fantasia? No saber-fazer do psicanalista qual é sua parte? É ele verdadeiramente capaz de a reduzir a nada? Sabemos que Lacan declinou as três tentações às quais os psicanalistas se submetem a partir dos desvios, os mais notórios dentre eles. A tentação de ocupar a posição da mãe completa, que Lacan também qualificou de pedagogia maternal, aquela do filho-pai que leva à ajuda samaritana; aquela divina que leva ao magistério absoluto. Podemos complementá-las com uma clínica de analisantes que lhe respondem: aqueles que esperam a palavra de uma mãe completa não são os mesmos que aqueles que esperam a palavra de um filho-pai ou de um filho-deus. Mas seja de um ou de outro a espera é a mesma: ser salvo; salvo da presença de uma falta, esta falta que sustenta a diferença radical que instaura a linguagem entre mãe e pai, entre homem e mulher, entre o dizer o dito.

Ora nós sabemos que essa espera de complementariedade é impossível de satisfazer. A transferência que nós suscitamos não repousa sobre uma falsa promessa, que nós sabemos falsa, portanto sobre uma impostura, até uma escroqueria? Lacan insistiu de diferentes maneiras sobre a dimensão essencial desse momento constituinte do pacto analítico e procurou cernir as coordenadas, tanto do lado do sujeito, quanto do lado do analista. Assim em “Função e Campo da palavra e da linguagem” ele distinguiu os “efeitos constituintes da transferência, por eles se distinguirem por um índice de realidade dos efeitos constituídos que os sucedem”²².

Mas suscitar uma transferência, um laço pela palavra, portanto, não é reservado aos psicanalistas. Todo laço pela palavra supõe uma transferência, e entre os locutores se transfere sempre o gozo de um objeto, com isso que essa troca supõe de renúncia ao pleno gozo. É sempre em torno desse objeto, garantia de troca, que os seres de fala se reagrupam, e se unem quando desejam. Objeto fálico, certamente.

Vê-se rapidamente o que o pacto inaugural do discurso analítico tem de original: se todo laço de palavra é uma transferência, a relação entre analisante e analista deve se limitar à palavra e somente a palavra. Entre eles não se passará nada além disso, nenhum objeto cursará entre

²² Lacan, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1998, p. 309.

eles apenas as palavras. Este é o pacto proposto pelo analista e ao qual o analisante adere, deixando de tentar que não seja assim.

Isto dito, todo pacto começa por se pagar com palavras, mesmo se ele contém também a promessa de complementariedade. Nós temos apenas que recolocar a questão de um detalhe: que manifesta um psicanalista diferente de não importa qual guru ou diretor de consciência? Qual é o “índice de realidade” constituinte do pacto que ele propõe?

Assim Lacan não situa o saber-fazer do psicanalista no fato de se constituir como endereçamento, mas na maneira pela qual ele se utiliza da transferência para conduzir um sujeito no caminho de seu próprio desejo – isso, nós o sabemos, “caso ele se ponha graças à habilidade (*savoir-faire*, em francês) de um parceiro chamado psicanalista, a retomá-la, mesmo sem saber disso muito bem, no sentido de um Que quer ele de mim?”²³

Qual é esse saber-fazer que permite encarnar para um outro a posição mantenedora de um enigma, de ser e permanecer em posição de oráculo, e isso até esta função mesma de oráculo se desvele, para a satisfação do sujeito? Que se diga que o analista não quer nada, isso não é suficiente, não seria porque, logo de início, ele se diz psicanalista, e isto é suficiente para dizer que ele quer qualquer coisa. Que quer ele, qual é seu um-dizer, para falar como Colette Soler, se não se trata de uma versão já repertoriada da fantasia de se salvar salvando o outro?

O saber-fazer do psicanalista procede do saber que ele pode adquirir somente em sua própria análise, mesmo se podemos aprender e repetir a fórmula: o sujeito é submetido à falha, à falha do Um da relação, à causa do Um do gozo fálico.

Qual é então o lugar da falha para o analista dentro de tudo isso que ele pode dizer quando ele se expressa a esse respeito, a partir dos enunciados da regra fundamental? A falha deve ser dissimulada e pode restar implícita, inaudível?

É tempo de lembrar que a falha está presente desde o pacto constituinte: não haverá nada além de palavras, hoje e amanhã. Não haverá a falha da falha, nada da bela história vivida, dessas que nos fazem sonhar com a relação realizada.

Seguramente, nós todos sabemos que não deve haver entre psicanalistas e psicanalisantes belos romances amorosos. “Comigo jamais” é uma mensagem que somos todos formados para passar com justeza.

Mas existem outras belas histórias que não esses romances. Existem belas histórias coletivas, essas onde não se trata de um casal, mas de um grupo que faz um, para triunfar sobre os perigos e o mal. Uma bela aventura institucional, não é essa a promessa mais ou menos explícita de algumas análises? Seja ela feliz ou triste segundo os gostos do sujeito, esta bela aventura não é ela tão falível quanto a passagem ao ato amoroso, já que ambos repousam sobre a mesma recusa da divisão?

Eu me pergunto pelo salto que separa a série de pactos singulares instituindo o analista, desse que o constitui como didata no grupo analítico. Didatas de fato, disse Lacan, como os analistas existem de fato; e sempre insistiu sobre a liberdade que deve presidir as escolhas de uns e outros, dito de outra maneira sobre o efeito que produz seu saber-fazer sobre alguém.

A historização analítica pode certamente dar cabo das ficções maternas e fraternas, e a análise pode nos curar da tentação da relação pelo sexo. Mas, o que é do Um no grupo? Ele parece menos simples de extenuar a terceira tentação que esconde a palavra, essa do magistério absoluto. Ela evoca o dizer magistral onde Lacan situou bem mais tarde o querer de Joyce;

²³ Lacan, Jacques. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1998, p. 829.

nos fatos ela pode sempre se insinuar quando um psicanalista toma a palavra e faz valer a posição de seu saber.

Nós estamos, portanto, diante de um paradoxo: como se engajar em nome de um fracasso não somente do casal, mas do um do grupo e, contudo, existir, subsistir, e se desenvolver como grupo? Sobretudo quando os analistas didatas se oferecem como líderes de seus analisantes. Questão do “bando” que Colette Soler evocou em novembro e que Lacan tentou resolver na EFP, dissociando hierarquia e gradus. Tentativa, porque isso não impediu as repetidas cisões. Estas aparecem, aliás, aos olhos do público como um signo, até mesmo como a prova, do fracasso do saber-fazer dos analistas.

Enfim, nós não permanecemos sempre doentes do grupo por ama-lo ou odiá-lo em demasia? Podemos nós, ao contrário, ignorar o suficiente essas duas paixões para saber o que a Escola pode oferecer, e isso que seria ilusório, até errado se exigir dela? Não é porque a Escola não nos faz um que ela deve nos isolar uns dos outros: há certamente entre essas duas escolhas uma zona de segurança possível para melhor deixar jogar o saber-fazer de cada um, não somente na entrada da análise, no seu curso e seu término, porém, mais além, na Escola.

Tradução: Elisabeth da Rocha Miranda

Revisão da tradução: Sandra Berta

Interpretar, um saber-fazer?

Patrick Barillot

O ato analítico supõe ao menos dois pilares para se sustentar:

O primeiro que Lacan chama o manejo da transferência e o segundo que é a interpretação, do qual ele nos diz que é um dever para o analista.

Esses dois eixos do ato têm a mesma relação ao saber do psicanalista?

O primeiro, o manejo da transferência, ou dito de outra forma a análise da transferência se baseia na aquisição de um saber específico, adquirido ao longo de sua própria análise.

A transferência existe antes do encontro com o psicanalista e sua mola reside na suposição de um sujeito do saber. A transferência não esperou por nós!

Isso ao qual conduz uma psicanálise levada até produzir um psicanalista, é bem conhecido, é o que nós chamamos a queda do sujeito suposto saber (SSS).

Com efeito, o psicanalista ao final de sua tarefa destituiu o sujeito suposto saber e acabou por reduzir o analista ao que era desde o início da cura, seja “o em-si do objeto *a*”²⁴ para aí verificar a causa de seu desejo. É, portanto, em função do objeto *a* que o psicanalista opera no ato analítico. O analisante, ele não sabe disso, ele crê no SSS.

²⁴ Lacan, Jacques. (1969) O ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1967-1968 In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 371.

Mas, sabe o analista - melhor que seu analisante - que ele não é sujeito suposto saber, mas objeto causa de desejo e da demanda de seu analisante?

Nós conhecemos a resposta: não necessariamente. O fato de não saber, não o impede, contudo, de funcionar como analista.

Porém, se espera que ele saiba, notavelmente nos testemunhos do passe, nos quais o dispositivo vem autenticar esse saber. Que ele saiba é, não obstante, preferível para saber desde que lugar ele opera em seu ato.

O analista deveria, portanto, saber melhor que ninguém, no lugar do objeto *a*, que não é o SSS e que está destinado ao des-ser, a saber, seu rechaço como objeto no fim da análise.

É notável que ele seja o único, no seu exercício, a poder questionar essa função de SSS, o qual o diferencia dos psicoterapeutas.

Esse questionamento é certamente necessário à uma prática esclarecida da análise, mas me parece que aí se soma uma necessidade lógica, ligada à estrutura do inconsciente como “saber sem sujeito”²⁵.

O saber sem sujeito: o que isso significa? É um saber que o sujeito não sabe. É muito subversiva essa maneira simples de dizer isso. Nós funcionamos, o mundo funciona, com essa crença que a partir do momento em que há saber, há sujeito desse saber. A partir do momento que vocês têm uma produção de saber, em todos os registros, mesmo o científico, – não teria que dizer sobretudo o científico –, pois bem, inevitavelmente se coloca a questão sobre quem sabia antes. É dizer que o Outro suposto sabe-lo antes está convocado.

Ao afirmar a existência do ICS como saber sem sujeito, a psicanálise se opõe a essa crença.

É por isso que no “Resumo sobre o Seminário de 1969-1970: O Ato analítico” Lacan afirma que todos os *logos, philo, onto, theo, cosmo* e *psycho* contradizem o inconsciente²⁶ como saber não sabido [*insu*].

O ato analítico é, então, uma incitação a saber, nesse laço de engodo feito à crença nesse Sujeito Suposto Saber. Mas, para saber o quê?

Lacan responde: a verdade. Em efeito, como objeto, o analista causa a fala analisante que visa saber a verdade. Testemunha disso, a busca constante de nossos analisantes por um evento traumático sofrido na sua infância, atribuído ao Outro que daria a verdade do sintoma. Porém, o problema é que quem busca a verdade não quer o saber. Para Lacan, ou é a verdade ou é o saber do ICS. É a sua tese, por querer demais a verdade, se rateia o saber do ICS.

De onde a necessidade de uma destituição do SSS para aproximar o saber do ICS como saber sem sujeito.

Essa operação não se dá sem implicar aí a castração.

Efetivamente, no final de sua tarefa analisante o sujeito deve ter sido realizado como sujeito na castração²⁷.

²⁵ “Que haja inconsciente significa que há um saber sem sujeito.” In: *Outros escritos*, p. 372.

²⁶ «É por isso que todas as -logias filosóficas – onto-, teo-, cosmo- e também psico- – contradizem o inconsciente. Mas, como o inconsciente só é entendido ao ser esmagado por uma das ideias mais bastardas da psicologia tradicional, nem sequer se atenta para o fato de que enunciá-la impossibilita essa suposição do Outro. Mas basta ela não ser denunciada para que o inconsciente seja como que não advindo.” *Outros escritos*, p. 372.

²⁷ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 15: *O ato analítico*, lição de 17 de janeiro de 1968.

Isso que se espera do analisante confrontado com a castração é que realize que não tem o órgão do gozo unificante na sua conjugação com o sexo oposto. O sujeito deve se realizar na castração como falha inerente ao gozo da união sexual²⁸.

É uma tarefa que visa, finalmente, incluir a castração na relação sexual que não há.

Existe um benefício muito substancial nessa operação para o analisante, isso alivia a sua cruz, “já que isso é resolver o que ele representava como paixão”²⁹.

Segundo eixo, a interpretação.

A interpretação, para sustentar-se, se apoia em um saber próprio a seu exercício? Dito de outro modo, aprendemos a interpretar?

Sobre essa questão nós temos uma resposta precisa de Lacan em seu seminário sobre O Ato Psicanalítico quando ele nos diz que a *immixtion* significante, na qual consiste a interpretação, não é suscetível de nenhuma generalização que possa chamar-se saber. Quer dizer que não existe uma chave universal para abrir todas as caixas. A interpretação, portanto, não depende de um saber adquirido, mas - nós supomos - de um saber-fazer e talvez de uma arte.

Persiste a questão: em que se baseia esse saber-fazer?

O longo acompanhamento [*compagnonnage*] entre o analista e o analisante pode servir de aprendizagem ao exercício da interpretação?

Não me parece que a prática interpretativa de seu analista seja uma via de ensinamento disso, salvo se cair na imitação. E a imitação me parece condenada ao fracasso já que a intervenção interpretativa não é reproduzível. O dito lacaniano “Façam como eu, não me imitem” se aplica notavelmente ao agir interpretativo. Talvez, no máximo, o longo acompanhamento analítico imprima um estilo na interpretação.

Se é uma operação que deve ser reinventada a cada vez, de um analista ao outro, já que não é transmissível, como orientar, então, nossa bússola interpretativa para que não percamos o norte analítico?

Nós temos a tese de Lacan: toda interpretação analítica visa dar a qualquer proposição que encontramos na fala do analisante sua relação com um gozo³⁰.

Para nós, analistas, interpretar é sempre visar o gozo enquanto submetido à castração. Visamos o benefício do gozo do sujeito no que lhe afeta, queixas e sintomas, gozo ao qual a fala assegura sua dimensão de verdade.

Para tal, procedemos por deciframento da palavra extraindo certos significantes do fluxo dessa fala. Interpretamos o inconsciente lendo na fala analisante essas letras – significantes isolados – extraídas dos ditos do sujeito.

Contudo, se coloca a questão sobre o laço entra a interpretação e o saber do psicanalista.

Nós dizemos que não há uma chave interpretativa, mas isso exclui o recurso ao saber do psicanalista? A interpretação para ser analítica e não psicoterapêutica, de aconselhamento, necessita, me parece, do saber adquirido do psicanalista.

Sem esse último, como interpretar o gozo fálico, forçosamente castrado, sem ter, por si mesmo, apreendido a medida da castração e como se precaver das miragens da verdade, que somente pode ser semi-dita, sem haver percebido sua estrutura de ficção, mesmo de mentira?

²⁸ *Ibid.*

²⁹ Lacan, Jacques. (1969) O ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1967-1968. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 376.

³⁰ Lacan, Jacques. (1971-1972) Conferências *O saber do Psicanalista*. Lição de 2 de dezembro de 1971.

Não há, portanto, interpretação analítica que não refira o laço ao gozo nisso que se manifesta da fala. Com essa tese, nossa bússola interpretativa encontra sua interpretação pelo campo do gozo.

De qualquer maneira, em seu “Posfácio ao seminário XI”, Lacan nos dá uma indicação suplementar sobre o objetivo da interpretação.

É a demanda que deve ser interpretada, nos diz ele. Ser interpretada, então, para ler do que se escreve³¹.

Esta indicação é associada de uma forma de advertência já que o que é para ler, desta demanda, na que dela se veicula na palavra, não se situa no nível do que ela diz, mas no nível do seu dizer.

Eu me perguntei se não havia um deslocamento no que orienta nossa bússola, um deslizamento do campo do gozo ao registro da demanda.

Efetivamente, focalizar a interpretação no dizer da demanda teria que nos surpreender, principalmente se nos lembramos que na época da “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” a demanda era intransitiva, sem objeto³² e que a interpretação apontava à causa do desejo, ou seja, o objeto *a* que a demanda revelava enquanto faltante³³.

Mas nós não estamos mais aí, e esta demanda cujo dizer é *a ler*, o que ela tem de peculiar agora, de estar habitada pelo objeto *a* em sua dimensão de mais-de-gozar³⁴.

A demanda não é mais intransitiva, ela é demanda de mais-de-gozar.

O que se escreve, por seu dizer, é a recorrência do que se demanda como mais-de-gozar na fala analisante.

Quanto ao objeto *a*, Lacan faz dele, o trilho pelo qual se chega a esse mais-de-gozar.

Falar do trilho para o objeto *a*, é figurativo, mas me parece que isso nos mostra a via que se percorre do objeto *a* como causa do desejo para se dirigir em seguida ao objeto *a* como mais-de-gozar.

Finalmente, nossa bússola interpretativa fica orientada pelo campo do gozo e ao que ele aponta, o norte lacaniano, já que o campo do gozo é o campo lacaniano, esse mais-de-gozar que a demanda porta, real que a habita, e que aí encontra seu abrigo.

Tradução: Fernanda Zacharewicz

Revisão da tradução: Sandra Berta

³¹ «Mas a função do escrito, nesse caso, não constitui o guia, e sim o próprio caminho da estrada de ferro. E o objeto (*a*), tal como o escrevo, é, por sua vez, o trilho por onde chega ao mais-de-gozar aquilo de que se habita, ou em que se abriga, a demanda de interpretar.” Lacan, Jacques. (1973) *Posfácio ao Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 505.

³² «Se eu o frustro, é que ele me demanda alguma coisa. Que eu lhe responda, justamente. Mas ele sabe muito bem que isso seriam apenas palavras. Tais como as recebe de quem quiser. Ele nem tem certeza de que me seria grato pelas boas palavras, muito menos pelas ruins. Essas palavras não são o que ele me pede. Ele me pede... pelo fato de que fala: sua demanda é intransitiva, não implica nenhum objeto.” Lacan, Jacques (1958) *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 623.

³³ «A interpretação, como formulei na época, incide sobre a causa do desejo, causa que ela releva, e isso pela demanda, que envelopa com seu modal o conjunto dos ditos” Lacan, Jacques. (1972) *O Aturdido*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 474.

³⁴ *Ibid.*, nota 8.

O operador analítico

Françoise Josselin

O homem, diz Lacan, não sabe o que fazer com o saber, é mesmo condenado pelos efeitos do significante a pensar débil, pelo fato que a linguagem não pode dar conta dos afetos de *alíngua*³⁵.

Por que sua filha é muda? O importante não é saber por que sua filha é muda, mas saber fazê-la falar. Lacan se afasta progressivamente da causalidade da verdade, tão cara a Freud, para orientar-se em direção aos efeitos do gozo da origem, passando do saber reduzido à elucubração ao *saber fazer* do inconsciente com *alíngua* – um saber com o qual nada pode se fazer³⁶ “A questão do saber do analista não é absolutamente que isso se articule ou não, a questão é saber em que lugar é preciso estar para sustentá-lo³⁷.

Então, como é preciso que opere o analista? É preciso que seja cirurgião, artesão ou retórico³⁸ [*rhéteur*] para desfazer com a palavra o que foi feito pela palavra, evitando com isso desviar-se pelo caminho que é sempre a grande tentação do analista, o de tornar-se um clínico, esquecendo que o analista faz parte da transferência, faz parte do teclado do analisante, especificamente, a tecla faltante? Freud testemunhou disso em 1926: acusado por Adler de que o sonho dos lobos era o seu e não o de Serguei Pankejeff, Freud pede por escrito ao Homem dos Lobos que este autentique seu sonho, retirando-se, assim, da transferência. É uma ruptura cataclísmica para este último quem, no seu desespero sem limite, que lhe invade a partir do dia seguinte ao da sua resposta, é empurrado a uma revisão delirante e incessante do grau de mutilação do seu nariz.

O sujeito é suposto saber como operar. Contudo, aponta Lacan, seria demasiado excessivo dizer que o analista sabe como operar. Para operar convenientemente será preciso que ele “se dê conta do alcance das palavras para seu analisante, o que incontestavelmente ele ignora”³⁹

De que modo seria necessário que o analista opere para ser um conveniente retórico [*rhéteur*] na medida em que o inconsciente não admite contradição? Ele sugere, isso é próprio ao reitor/ retórico, quer dizer que ele não impõe, de modo algum, qualquer coisa que teria consistência, e é mesmo por essa razão, acrescenta Lacan, “que designei de Ex-, o que não se suporta a não ser do que ex-siste”⁴⁰. Lacan joga com a homofonia entre *retoricação* [*rhétification*] e *rectificação* [*rectification*] para designar a tarefa primeira do analista na direção do tratamento.

Ao mesmo tempo o analista opera como um *urgentista* da satisfação do início até o final do tratamento. Opera mais como costureiro do que como cirurgião, cortando e costurando com tesouras da interpretação quando joga com a homofonia e com o equívoco, realizando cortes

³⁵ Lacan, Jacques (1976-1977). O Seminário 24: *O não sabido que se sabe se ampara na morra*. (*L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*) Lição de 11 de janeiro de 1977.

³⁶ Esta frase não está incluída na versão na versão estabelecida. Lacan, Jacques. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.190. A frase consta na versão crítica da lição do 26 de junho de 1973. (*stajerla*). (NdT).

³⁷ Lacan, Jacques (1971-1972). Conferências *O saber do psicanalista*. Hospital Sainte-Anne, 4 de novembro de 1971. Edição de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife, p. 24.

³⁸ Lacan, Jacques, O Seminário, livro 25: *O momento de concluir*, Lição de 15 de novembro de 1977.

Acompanhamos a tradução de Jairo Gerbase considerando que “*rhéteur*” também pode ser traduzido “reitor”.

³⁹ *Ibid.*, 15 de novembro de 1977.

⁴⁰ *Ibid.*

transversais e longitudinais no tecido opaco do gozo, com a finalidade de operar cruzamentos e reversões.

Tecelão, então, o analista faz uso do seu artifício, de fazer semblante de objeto, semblante de ser, para, guiado pela letra do texto do analisante, enodar o fio do “*qu’ arte-dizer*” (com um apóstrofe entre “que” e “arte”⁴¹) do sinthoma que poderá lhe permitir encontrar seu estilo e se autorizar de uma transmissão que ressoe (Podemos captar a dimensão poética em certos trabalhos dos AE).

O analista não é, contudo, nem um homem-orquestra, nem um aprendiz de feiticeira. É empurrado pelo seu analisante a inventar o ato analítico perante a hiância entre o imaginário e o Real para levantar a inibição de imaginar o Real⁴².

Tradução: Sandra Berta

Saber e saber-fazer na psicanálise

Colette Soler

Mensuro a dificuldade própria a este tema.

No que me diz respeito, estou sob o efeito da mudança de perspectiva introduzida por Lacan com o modal “Que se diga fica esquecido”. Ele suspende qualquer asserção, aqui asserção eventual sobre o psicanalista, seu saber, seu saber-fazer, à opção ex-sistencial [*ex-sistentielle*] do dizer-ato daquele que fala. Ora, a visada do dizer do Um-dizer [*Un-dire*] sinthoma, de que falei recentemente, não é prioritariamente uma visada de saber, se acreditarmos em Lacan – e, neste ponto, acredito nele. É isso que suspende qualquer asserção, ou seja, “o que se diz”, à questão de saber o que quer, ao proferi-la, o ser que a profere.

“Saber do psicanalista”, Lacan diz tardiamente. No decorrer da história, muito se falou do ser do analista e daquilo que ele deve ser antes, e Freud dizia “culto”, Lacan, “letrado”, “especialista do saber textual”. “Televisão” evocava a necessidade de algo como um dom matemático, os critérios éticos mais essenciais foram mobilizados, e termos como conversão e metamorfose, pronunciados.

O saber do psicanalista data de 1970.

A expressão reafirma implicitamente o elo da psicanálise com a racionalidade, embora os efeitos de gozo do inconsciente como saber sem sujeito, já proposto nesta data, pareçam aquilo que há de mais rebelde à domesticação racional.

Então, por que ele, em 1970, diz isso? E para quem? Excepcionalmente, não ao psicanalista, ao menos não explicitamente, mas aos psiquiatras, não aos psiquiatras em função na época, mas aos futuros, aos internos que ele imagina que estavam ali. Há uma mensagem nessas conferências. No fundo, ele deixava de sobreaviso esses jovens psiquiatras, eles que seriam profissionais da dita saúde pública – algo que o psicanalista não é –, e sabe-se o que a saúde pública se torna. Ele os deixa de sobreaviso, portanto, contra o esquecimento, ou o engano,

⁴¹ “*qu’ art-dire*”, o que está entre parêntese foi escrito pela autora do texto. (NdT).

⁴² Lacan Jacques., *Ibid.*, lição de 8 de maio de 1978.

ali onde isso fala da diz-mensão da verdade dos sujeitos e de seu inconsciente, sempre singular. Contra o esquecimento, portanto, daquilo que o analista atesta do LOM, como ele escreve, sempre ao pé do muro da linguagem. É uma espécie de intervenção no debate de civilização, mas num estilo de leveza que evita o tom dogmático.

Há um segundo elemento de contexto. Em sua Escola, esse saber do psicanalista aparece como réplica àquilo que ali se dizia em continuidade à “Proposição sobre o psicanalista da Escola”, em que se pode ler, com relação ao saber de fim de análise, a seguinte fórmula “saber vão de um ser que se furta”.⁴³ Ela marcava que o inconsciente-saber não produz um saber sobre o ser do sujeito, e não basta, portanto, para responder à questão de entrada “quem sou eu?”. Daí veio, junto aos analistas da época, uma moda do fim da análise pelo não saber, não saber que redobrava a castração sexual por uma castração de saber, e isso, ressaltado, numa época em que as elaborações de saber de Lacan eram amplamente contestadas pelos mesmos. Em réplica, Lacan denuncia uma “mistagogia”, para dizer que os analistas não são os grandes sacerdotes do mistério do inconsciente. O termo assona com mistificação, e ele objeta, pois a questão é “daquilo que ele [o psicanalista] tem que saber” (“Discurso na EFP”), expressão que promete um dever de saber: saber forçosamente aquilo que condiciona sua prática e os resultados que ela pode produzir. Era, portanto, também uma intervenção em sua Escola. Esse contexto não existe mais, ele é até mesmo o inverso, reclama-se hoje do saber e não do não saber.

Há precisamente uma questão: o que devo saber para operar como analista? Essa questão, porém, diz respeito à função do analista, e não um analista em particular. É, portanto, uma questão sobre a própria psicanálise e sua teorização em sua definição lacaniana. Todas as indicações de Lacan sobre esse ponto vão no sentido de dizer que é preciso ao analista um saber sobre a estrutura, em sua dupla definição de estrutura de linguagem e de efeito de linguagem. Conhecemos a frase, “o que precisa saber é que há um saber que...” etc. Não vejo aí uma razão para tratar nosso título rebaixando-o ao saber da estrutura. Com efeito, tudo aquilo que aprendemos de Lacan não diz qual é, para cada analista, o saber com o qual ele efetivamente opera.

A outra forma de tratar do saber do analista é lembrar-se de que a psicanálise não é nenhum psicanalista. Se há saber necessário, para cada analista, a questão é como ele lhe advém e qual é o papel de sua análise em seu saber próprio. É preciso justamente que ela tenha um papel, dado que todos estão de acordo ao dizer que não há analista sem análise, e que Lacan escreve muito cedo “a análise didática”, em todo caso, portanto. A cada psicanálise, é possível perguntar o que ela permitiu saber para o sujeito, o que ela lhe permitiu saber, é uma das coisas que o passe esclarece às vezes, nem sempre. E será esse saber, se houver saber, quem vai lhe permitir operar como analista para outros?

O problema com relação ao saber depositado por uma análise, para cada analista, é que esse saber mal chega a ser um saber. Um saber com o qual “não se pode entreter”, como dizia Lacan, que somente diz respeito àquele que fala, que é único a saber e ninguém mais, merece ser chamado de saber? Isso faz, antes, analistas congêneres, como escreve Lacan na “Nota italiana”. Um saber que se assemelha tanto a uma convicção que seu estatuto de saber está em questão. Ainda mais porque na análise experimenta-se um outro pseudosaber, a convicção fantasmática com relação ao objeto que pensamos ter sido para o Outro. Lacan marcou essa dificuldade, dizendo que ele se divertia ao ver a que ponto se imagina saber ali onde simplesmente se crê. O saber da ciência convém, por sua vez, porque ele tem efeitos reais cuja constatação está ao alcance de todos e que, além disso, abala nossas vidas. Aliás, não se fala tanto do saber dos cientistas quanto do saber da ciência. Para os cientistas, seu

⁴³ Lacan, Jacques (1967). Proposição sobre o psicanalista da Escola In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 260.

saber é testado no nível de seus conhecimentos e de seu manejo das escrituras. Dizemos, sem dúvida, que o saber inconsciente também tem efeitos reais, no sintoma, mas esses efeitos são sempre para um só, eles não são constatáveis para todos. Não há teste para eles. Não se pode fazer passar aquilo que se sabe ao saber transmissível, aquele que se assemelha ao da ciência. O dispositivo do passe está construído sobre o postulado desse intransmissível, e como um paliativo.

É possível, claro, fazer a lista de fórmulas de Lacan acerca do “saber adquirido” no final de uma análise, e ele próprio coloca aí, inclusive, um ponto de interrogação, dizendo saber adquirido, mas a quem? De memória, retenho saber de castração, saber do “saldo cínico”,⁴⁴ no “Relatório sobre o Ato analítico”. E além disso também, no fim de sua análise, “ele sabe melhor do que ninguém a que ela reduz aquele que a comandou”⁴⁵, e até mesmo outra expressão, “ele sabe ser um rebotalho”⁴⁶ – há outras dessas. São tantas proposições em que Lacan depôs não o saber que tinha, mas o que ele próprio construiu, na medida em que foi um desses “seres dos quais se faz a letra [*lettre*]”, segundo a expressão de *Mais, ainda*. Nós nos servimos desse saber para falar da psicanálise, aqui mesmo, e também na recepção dos testemunhos do passe, mas quem pode dizer que ele fez seu saber disso, quero dizer, do saber com o qual ele opera.

Concluindo, portanto, tenho reservas sobre o uso imoderado deste termo. Ele não deve ser esquecido, a partir do momento em que Lacan o introduziu e no contexto, pelas razões que mencionei, mas ele tampouco deve ser realçado como evidente, e ainda menos para disso fazer um estandarte do analista com dificuldades de transmissão.

Quer isso dizer que o que é mais seguro do saber de cada analista se reduza a um saber-fazer? A questão se coloca. Aí, ainda, se dizemos saber-fazer *do* psicanalista, não é o saber fazer de nenhum psicanalista. Onde o risco de um rebaixamento que nosso título produz, da questão do saber-fazer sobre aquilo que se chamou de a técnica analítica, com essas regras mais ou menos explicitadas, daquilo que um analista faz, pode, deve ou não fazer, há toda uma lista: saber falar sem dirigir o paciente, saber fazer silêncio, mas também presença, saber decifrar e até onde fazê-lo, interpretar e como, e com quem – crianças, psicóticos etc. Considerado assim, o saber-fazer nos leva à uma questão clássica, das mais antigas, e na qual as respostas já estão ali, pois há, de fato, regras de como fazer que definem o dispositivo, regras simultaneamente de abstenção e de intervenções, por vezes com polêmicas e mudanças, especialmente no dito *setting*. Trata-se, no fundo, de um saber-fazer pré-formado, que não deixa de ter relação com o saber que Freud e Lacan elaboraram no que diz respeito ao inconsciente e à transferência. E ele tende, além disso, facilmente ao simples hábito. É justamente isso que Lacan denunciou acerca da duração das sessões, e mais tarde, de forma ainda mais crítica, quando estigmatiza o psicanalista funcionário público, autoritualizado, que se apoia sobre os botões da técnica.

Ora, se por um lado há regras enunciáveis, não há regra de aplicação das regras, e não somente na psicanálise aliás, e, por conseguinte, todas essas regras sobre o agir do psicanalista enquanto tal, que se poderia amplamente desdobrar, pois bem, elas vão para o buraco: é aquilo que não se sabe que permite a *um* analista aplicar ou não, e até onde, as regras prescritas, essas regras que inauguraram o dispositivo freudiano e que foram reforçadas com as elaborações do saber de Lacan. Ora, esse buraco por si só já merece nosso interesse, pois é aí que se aloja o verdadeiro saber de cada psicanalista, o qual nosso título interrogava, o qual não era minha ideia sobre a técnica do psicanalista.

⁴⁴ Lacan, Jacques (1969). O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 376

⁴⁵ Lacan, Jacques (1969). O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 371.

⁴⁶ Lacan, Jacques (1969). Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 313.

Como abordar o saber-fazer não funcionário público, singular?

Por definição, um saber-fazer [*savoir-faire*] é um fazer pelo qual nenhum saber responde, o que não é a aplicação de um saber, diferentemente das técnicas. É verdade também para o saber lidar [*savoir y faire*], aliás. Ele é exercido em campos diferentes, e o saber-fazer no campo da fala não é equivalente aos saberes-fazer práticos. Estes são adquiridos, mais ou menos aliás, por meio da aprendizagem e do exemplo. No campo da fala, isto é, dos laços sociais, é outra coisa, quer se trate do campo de persuasão, do campo dos proselitismos diversos, políticos ou religiosos ou, ao contrário, do campo definido pelo discurso analítico, onde o inconsciente está em exercício.

Nesse campo, no que tange ao saber-fazer com as regras do dispositivo, é claro, não há *coach* que se sustente – isso não se transmite, isso não se ensina. O saber-fazer apenas tem sentido no nível da singularidade operante e, de fato, ainda que se fale *do* psicanalista com Lacan, e apesar desse *do*, ninguém tem dúvida de que os analistas em ato não constituem uma classe, nem mesmo um conjunto, mas uma coleção de singularidades, qualquer que seja a homogeneização operada pelas referências teóricas e institucionais. Eles procedem do não todo [*pas-tout*].

Donde a questão: é o saber-fazer singular um dom da natureza como são os talentos? – que a análise não muda muito, aliás, na melhor das hipóteses, ela suprime inibições. É isso uma espécie de homólogo do estilo, a saber, a coisa mais inamovível, mais improgramável e, no entanto, tão determinante? Ou, será que a análise do analista condiciona esse saber-fazer, para além da competência – um pouco, muito, até onde? Qual é, enfim, o grau de sua incidência nos efeitos do ato analítico? A bem dizer, não sei se vocês se deram conta, na época da conceitualização do ato, Lacan chega a reduzir a referência ao saber-fazer singular, já que a tese é que na “ética do ato analítico” é “a lógica que comanda”, e se é a lógica, não é o saber-fazer singular, pois a lógica é para todos.

Lacan disse daí algo do saber-fazer dos analistas? Vejo apenas poucas observações que se referem a isso diretamente.

No “Discurso na EFP”, ele precisa, o analista “tem que ser tomado tal como é”⁴⁷ e isso não lhe permite fazer bem em todos os casos da demanda. Eis uma outra noção que não é o saber-fazer, mas o bem ou o mal fazer, que tem a ver com o sujeito analista. Isso define o que Lacan chamou de a “competência” analítica, e diz respeito ao que convém responder àquilo que o analisando traz, para ficar no quadro analítico. Porque, no fundo, o que um analista tem que fazer? A resposta é em função da conceitualização da análise. Na forma com a qual os lacanianos pensam a psicanálise com Lacan, a primeira coisa que ele tem que fazer é se fazer causa da fala de verdade. Esse é o primeiro passo: fazer o sujeito entrar no registro da fala nomeada associação livre, uma fala tal que o sujeito desiste de seu dizer de intencionalidade, convocar, portanto, o sujeito dito do Inconsciente e isso é diferente de interpretar, isso é uma condição prévia. Isso passa pela manobra da transferência, ou seja, a colocação em jogo do desejo do Outro na interlocução. Poderíamos justamente falar aqui de um saber lidar com [*savoir y faire avec*] a suposição de saber que é a transferência. Isso não se aprende nos livros, é certo, e aí o laço com a análise pessoal está também. Isso não pode não ter relação com a análise do analista e com o ponto em que ela o conduziu até justamente sua relação com o sujeito suposto saber, e com o saber daquilo que é o inconsciente.

⁴⁷Lacan, Jacques (1967). “Discurso na EFP” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 271.

“O inconsciente é um saber, um saber-fazer com a *alíngua*. E aquilo que se sabe fazer com a *alíngua* ultrapassa em muito aquilo que se pode dar conta a título de linguagem”⁴⁸. A tal ponto que podemos dizer que o primeiro saber-fazer não é o do analista.

Saber-fazer com *alíngua*, a expressão se encontra no final de *Mais, ainda*, e designa sem equívoco um uso da *alíngua*, todo saber-fazer estando no nível do uso. Aqui é um uso de gozo, já que o inconsciente aí está definido como um saber, e que o saber é o significante gozado. Lacan explicitou amplamente que, no que diz respeito à *alíngua*, o uso do gozo precede os usos semânticos e de comunicação que vêm apenas em segundo lugar. Para o inconsciente, assim como para os falantes *infans* aliás, o uso precede o fato de saber (verbo “saber”): não é preciso o linguista para aprender a falar, nem do analista para ter um inconsciente do qual gozar. Quando se pergunta a respeito de uma criança se ela sabe falar, isso quer dizer será que ela usa a língua? É caso sim, trata-se de um saber-fazer, e muito singular, que funciona antes das regras da linguagem e que não tem outra lei senão a do bônus de gozo. Lacan vai até propor, em 1975, que a estrutura do efeito de linguagem se origina daí. A tal ponto que se pode dizer o que Lacan nomeia como o próprio saber do inconsciente, pois bem, é um saber-fazer e nada além disso, ou seja, um saber usar o material da *alíngua* para o gozo, um saber gozar de certa forma, que o sintoma evidencia. O inconsciente sabe fabricar saber-gozado com a língua. E cada um é feito desse saber-fazer que se chama inconsciente, fator de sintomas. O laço entre saber-fazer e gozo está, para o inconsciente, indubitavelmente estabelecido, parece-me.

Não deveria, portanto, me admirar, como fiz num primeiro momento, quando li em *O sinthoma*, que o saber-fazer do artista indica que ele tem algo de que não podemos gozar, nós, os não artistas, que ele manifesta um gozo que não é o nosso. E Lacan não demonstrou, a propósito de Joyce, que seu *art-dire* [arte-dizer/ardil] é uma arte dizer que promete a singularidade do gozo de seu escabelo? É, inclusive, a esse respeito que ele introduz o termo pela primeira vez. Mais geralmente, esse gozo do artista, ali ele generaliza, é o gozo de deus, inacessível, portanto. Se assim for, o amor elevado à arte se esclarece, ele permite abordar um gozo do qual somos privados, o do Outro absoluto. Quando se lê isso pela primeira vez, fica-se um pouco estupefato, evidentemente. Retenho daí simplesmente o laço entre saber-fazer e gozo, já proposto por Lacan no nível do saber-fazer do inconsciente. Concluo, portanto: do inconsciente ao artista, o saber-fazer é um fazer que tem o uso de gozo. Esse uso vai do gozo opaco, real, do sintoma, ao gozo do escabelo que o artista leva ao extremo. É daí que volto ao saber do analista em função, ele que não é um artista, e vejo melhor agora porque ele sonha com os artistas. Ressalto algumas contradições aparentes no discurso sobre o saber-fazer do analista.

Por um lado, está-se de acordo sobre certos pontos da competência analítica, fala-se inclusive de formação do analista. *Grosso modo*, ela consiste em adquirir inicialmente uma aptidão à abstenção. Não se trata de qualquer abstenção, poder-se-ia dar uma multidão de preceitos, eles conduzem a apenas uma regra: não há interlocução entre dois sujeitos na análise. É toda uma disciplina de suspensão da pessoa do analista, com suas características, seus pontos de vista, suas opiniões existenciais, suas pulsões etc. e que Ferenczi achava bem inumana. Em outras palavras, fazer semblante de objeto supõe destituir daquilo que se é, não direi como sujeito, mas como *sinthoma*, como o Um-dizer do gozo borromeano que lhes constitui. Sabe-se que Lacan chega até a dizer que, homem ou mulher, pouco importa, se há analista, trata-se de uma erradicação drástica da singularidade pessoal do analista.

⁴⁸ Lacan, Jacques. (1972-1973). O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 190.

Por outro lado, por se fazer causa e por interpretar, é preciso um motor libidinal, isso porque Lacan falou de “desejo do analista”, que é uma função logicamente requerida. Mas coube a Lacan também dizer que o analista, cada analista ali, deve pagar com seu julgamento mais íntimo, com sua pessoa e até mesmo com sua ética. A ética requer, na análise, a coragem de concluir para interpretar, dizia ele a propósito de Freud. Há um problema aí, pois no nível do julgamento íntimo e ético, não há competência que se sustente, ninguém se parece com ninguém. Noto que esse misto de abstenção neutra e de iniciativa ética responsável que comanda o dispositivo é insustentável e não pode fabricar senão analistas sempre à beira da falha. Talvez seja isso que os induz a se ritualizarem, aliás.

Fecho o parêntese. Onde colocar o saber-fazer nessa oposição? É difícil colocá-lo do lado do não agir da abstenção analítica. Ele atua mais ativamente do lado da incitação à fala e da interpretação, do lado, portanto, do dizer do analista, que deve ser distinguido tanto de todos os seus ditos quanto do dizer analisante. É um dizer no qual não é o analista que se diz. Numa época, havia empregado a expressão “um dizer que não diz nada”. Em todo caso, um dizer sem os ditos que carregam a verdade singular daquele que diz, ou um dizer silencioso, e que faz silêncio sobre o analista. Tendo a concluir que, para o analista, assim como para o inconsciente, seu saber, quer dizer, aquele com que cada um opera, não é nada além do que saber-fazer. Nesse caso, saber-fazer do dizer existencial no duplo nível de seu próprio dizer apofântico, e também do dizer daquele que lhe fala e que ele tem que interpretar. Quando Lacan diz “Freud e Lacan, esses seres dos quais se faz a letra”, ele coloca precisamente o analista para além de qualquer competência, no nível do registro existencial da fecundidade de seu dizer.

*

Lacan tendo proposto que o gozo do escabelo é primordial para o homem, isto é, prioritário em cada um e, além disso, generalizado (não demonstrarei isso aqui), Lacan, portanto, no fundo desta tese, anuncia ou postula a castração do escabelo pelo analista. Ele chega até mesmo a afirmar que quanto mais estiver à altura de sua tarefa, menos ele será poupado [*épargné*] dela. Poupado é o termo que ele usa. O saber-fazer do analista, em outras palavras, o seu uso do dizer, não seria uso de gozo. Algo que o distinguiria, portanto, de seus dois afins no que tange à interpretação, que são o oráculo e a psicose. Interrogo esse dizer de Lacan.

Seria concebível apenas que um ato de dizer, mesmo que fosse apofântico, não tenha relação com o dizer do Um-dizer de gozo próprio àquele que sustenta esse dizer de interpretação?

Seria preciso, então, explicar porque os analistas são tão orgulhosos [*fiers*], poderia até mesmo dizer “fanfarrões” [*fiérots*], de suas interpretações, das interpretações que eles receberam e nas quais, de forma divertida, caucionam muitas vezes seu analista (vê-se isso no passe), ou interpretações que eles próprios fizeram (vê-se isso nos relatos de caso). Seria preciso também dar conta do fato de que ninguém, mesmo no mundo analítico, crê que um analista equivalha a outro, o que leva novamente à questão do papel que a singularidade desempenha em sua função. Qual é o gozo próprio a esse saber-fazer – ou, se preferirem, qual é o desejo (o que dá na mesma) – se não o do escabelo e, com efeito, não se faz um escabelo interpretando?

Questões difíceis, das quais não se deve seguramente precipitar a conclusão. Mas aparentemente o próprio Lacan mudou de posição. Prova disso é um certo número de observações tardias, as quais se pode supor que são fruto de sua maior experiência.

Ele diz: “Os analistas, aqueles que dizem ser tais, e estou de acordo com isso”. Que rebaixamento das exigências! Nem saber, nem saber-fazer seria requerido? Bastaria se dizer analista para ser colocado no lugar de objeto por aquele que lhe consulta e que vai se analisar

com você, diz Lacan. Ora, sabe-se que, no que diz respeito ao “dizer-se analista”, não há sequer necessidade de ter feito uma análise.

E além disso, uma observação, cuja referência não encontrei hoje, falando da interpretação do analista, ele nota que ela vem do mais obscuro, do mais opaco desse analista. Ele, no *Seminário 11*, já havia dito que era possível perceber aquilo que cada analista queria que a transferência fizesse dele, mas aí ele vai longe. Isso designa tudo aquilo que não se reduz às regras conhecidas do bem agir analítico, então é preciso justamente que isso esteja do lado daquilo que chamei de fecundidade do dizer *sinthoma*. O que combina com a ideia que cada um deve “reinventar” a psicanálise, outra proposta de Lacan no fim. E se levarem em conta a observação da “Nota italiana”, que diz que, para ser analista, e não simplesmente funcionar como um, é preciso ter sido levado ao entusiasmo de... saber-se rebotalho, certo é que ela acrescenta, com esse afeto, um elemento bem estranho a qualquer formação. Um estranho afeto de gozo que se produziria, portanto, para alguns, diante não da imensidão de uma transcendência divina ou outra, mas diante de seu próprio estatuto, bem útil sem dúvida, por se preparar àquilo que advirá do analista em fim de análise, já que o rebotalho é aquilo que não serve para nada.

Tradução: Cícero Oliveira

Revisão da tradução: Dominique Fingermann

Saberá fazer-se uma conduta...

Gladys Mattalia

Quando decidi escrever para estas Jornadas de Escola, havia outras temáticas que me convocavam... ainda que não deixasse de ressoar, uma vez ou outra, uma frase do texto datado de 14 de julho de 1972, que Lacan escrevera em Beloeil (Bélgica) e que conhecemos como *L'Étourdit*.

O que ressoava, devo dizer, era simplesmente um recorte: “saberá fazer-se uma conduta...”⁴⁹ e soube, muito rapidamente, que havia me metido em uma “camisa de onze varas”. Tratar de articular “saberá fazer-se uma conduta” com o saber do analista, seu “*savoir-faire*” ou com o saber-fazer-aí-com [*savoir-y-faire*] ou com o saber em ato. Seria isso meter-se em uma camisa de onze varas? Complicar a vida desnecessariamente? Como a cerimônia do período medieval em que a paternidade exigia o rodeio surrealista de enfiar a criança através de uma das mangas de uma camisola para tirá-la pela gola da mesma? O significado de “meter-se em uma camisa de onze varas” atualmente é colocar-se em assuntos ou problemas que não se conhecem, que não lhe competem ou que não lhe tragam nenhum benefício. Seria se introduzir no “inútil”?

Então pensei: mas esse é nosso jogo. Fazer alguém entrar por uma manga e, talvez, poder tirá-lo... Pela gola? Pelo ilhó? Ou não poder fazê-lo... E esse trajeto, esse périplo, não é sem consequências: um novo saber, um saber fazer com... Um novo sentido, uma orientação na existência.

“*Il saura se faire*” [saberá fazer-se] conjuga a 3ª pessoa do futuro simples [*il saura*] do verbo “*savoir*” [saber] com o infinitivo presente [*se faire*] do verbo “*faire*” [fazer]. É uma forma gramatical apta a

⁴⁹ “saberá criar uma conduta para si”, Lacan, J. o Aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 489. Mantivemos a expressão em sua forma literal por motivos que ficarão claros ao longo do texto. (NdT).

expressar a ideia de uma ação como noção geral, sem especificar as circunstâncias de sua realização particular (como, quando, o que ou quem).

Ampliemos a frase do texto *L'Étourdit*: “Como tudo isto – escreve Lacan – saberá fazer-se uma conduta. Há mais de uma, há até um monte, que convêm às três diz-mensões do impossível, tal como se desenrolam no sexo, no sentido e na significação”⁵⁰. A partir das três diz-mensões do impossível (sexo, sentido e significação) terá o poder de se fazer uma conduta fundada sobre o “saber” articulado pela lógica do impossível.

Sem dúvidas, “saberá fazer-se uma conduta” do texto *L'Étourdit* é uma afirmação concernente ao final de análise... ao que muda na vida depois da análise. E me pergunto: O campo da prática do analista [*savoir faire*], como pensá-lo sem este “saberá fazer-se”?

Nesse mesmo texto – *L'Étourdit* – Lacan nos diz que não há formação do analista sem o “dizer de Freud”. Podemos agregar que não há formação do analista sem o “dizer” de Lacan. Mas, tampouco, sem o “dizer” da análise. O dizer da análise é o traço mais contundente da qualificação do analista. Análise do analista que, chegada a seu fim, supõe os impossíveis nas três diz-mensões (“muro do impossível”).

Podemos pensar que as “qualificações ideais”⁵¹ que Freud esperava da análise didática do “pobre diabo” para o exercício da profissão de analista, são, em Lacan, todos as voltas em que se percorre o laço do real em uma análise.

Frase enigmática “De tudo isso, ele saberá fazer-se uma conduta”. Um “monte” de condutas, marcas ou restos do encontro com os impossíveis, e que deixam muito longe as noções de aptidão, habilidade, capacidade, personalidade... Especialidade! Que sejam um “monte” nos indica que não há uma conduta modelo, ideal, “à maneira de...”.

Pergunto-me: “Fazer-se uma conduta” é da ordem de “fazer-se um estilo”? Analista, “um por um”... A cada um seu estilo? “Podemos postular que o saber fazer do analista, tal como o sintoma, é próprio de cada um e inimitável”⁵². A prova do analista é seu estilo, seu sintoma, na solidão do ato analítico.

Saberá fazer-se uma conduta... enoda algo da ordem do saber, da gramática pulsional e do campo do ato.

Em seu seminário 23, *O Sintoma*, Lacan nos fala da “responsabilidade sexual” como a resposta singular de cada um à constatação da não relação sexual. Não é suficiente, na análise, o encontro com o impossível da relação, é necessária uma resposta, o saber “fazer-se uma conduta”, a questão ética do que cada um faz singularmente. E do que muda no saber fazer no laço com o Outro. Saber suportar e ajustar sua conduta a partir do real sexual.

Lacan articula “saberá fazer-se uma conduta” no momento em que fala do “impossível da relação entre os sexos” e conclui com o “saber fazer com o sintoma”. Existe uma consonância entre “saber fazer-se uma conduta” (*L'Étourdit*, 1972) e “*saber se haver-se* nesse campo [*savoir-y-faire*]⁵³,

Saberes que não respondem a nenhuma ontologia. Talvez respondam a variações nas concepções a respeito do real em Lacan: o real definido modalmente como impossível (negatividade) e um real sintomático necessário (positividade). “Como Demócrito, Lacan não se inscreve na ontologia: eles não partem do *ser* que é *essência*, partem do *nada* e extraem dele o *ser* do objeto *a* e o *passar* do sujeito barrado, os quais são, respectivamente, o átomo e o vazio”⁵⁴.

“Saberá fazer-se uma conduta” põe limite ao “tudo vale para os analistas”. O “tudo vale” já esquecido que é o “desafio” em lugar da abjeção do santo; do diligente soldado nem heroico, nem patriota, nem pacifista... “Saberá fazer-se uma conduta” orienta a respeito do *desejo do analista* como desejo que vai contra o ilimitado do sacrifício da lei kantiana, vai contra o empuxo a identificar o desejo à prisão do

⁵⁰ Lacan, Jacques: O Aturdido. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 489.

⁵¹ Freud, Sigmund: Análisis terminable e interminable. O.C. Tomo 3. Ed. Biblioteca Nueva, página 3361

⁵² R. Cevasco, Pré-textos Jornadas de Escola 2017.

⁵³ Lacan, Jacques. (1968-1969). O Seminário, livro 17: De um *Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 202.

⁵⁴ Fierens, Christian: *Lectura de L'Étourdit*, ediciones S&P, página 406. Trad. Livre.

Outro. “Saberá fazer-se uma conduta” leva à desalienação, onde o desejo do analista é a diferença absoluta. “Saber fazer-se uma conduta” é “saber haver-se com” [*savoir-y-faire*] e poder enfrentar – se assim se deseja – a tarefa de “servir os outros”⁵⁵ e de “[...]como pode alguém se dedicar a satisfazer esses casos de urgência” – do Prefácio⁵⁶... – a partir do dever de responder pela existência do real. Não a partir da moral religiosa, nem da ética kantiana, mas mediante o corte da interpretação para a produção do Um-dizer, testemunho da existência do real.

Michel Bousseyroux⁵⁷ fala do DVD do analista⁵⁸ e Colette Soler fala do seu GPS. “Desejar [*désir*] fazê-lo”, “querer [*vouloir*] fazê-lo” e “dever [*devoir*] fazê-lo”. Para isso, “saberá fazer-se uma conduta”. Alguém poderá fazer disso uma prática? A qual – constatamos diariamente – está muito longe de ser “cor de rosa” e que, em muitas ocasiões, cheira muito mal.

Alguém pode desejar, querer e dever “meter-se em um camisa de onze varas”?

Sabemos que o analista não dirige o tratamento a partir de seu eu (identificações imaginárias), nem como sujeito (destituição subjetiva), tampouco com seu sintoma, parceiro do gozo. Apenas se presta ao ato analítico como semblante que faz função operatória do analista, função do saber adquirido em sua análise. Mas o saber-fazer supõe um *a mais*, algo bem singular e bem distinto, a cada vez, e que nos remete às “contingências das particularidades”⁵⁹.

Tradução: Leonardo Pimentel

Revisão da tradução: Sandra Berta

De que saber se trata?

Cora Aguerre

Este trabalho é produto do Cartel em que trabalhei de 2014 a 2016, junto com Ramón Miralpeix, Viky Estévez, Beatriz Zuluaga e Lydie Grandet (mais um).

A cada vez que recebemos alguém para atendimento fazemos a aposta da escuta e o trabalho começa, re-começa uma e outra vez. Sempre é uma primeira vez, não há saber “acumulado”. É por isso que na prática analítica há o um, há a série dos uns.

Não raro, nos surpreende que voltem, uma e outra vez, pessoas que inicialmente não estavam vinculadas à psicanálise, que nada sabiam sobre isso, mas que se sentem, contudo, inquietadas por esse encontro, que não é outro senão o encontro com o inconsciente.

“As pessoas não apenas chegam até nós, mas retornam”⁶⁰, dizia Lacan aos americanos em 1975.

⁵⁵ Diz Lacan: “Aprendi com este ofício a urgência de servir não “aos” outros, mas “os” outros, ainda mais para mostrar-lhes que não sou o único que pode lhes servir” // « J’ai appris dans ce métier l’urgence de servir non pas « aux » mais « les » autres — ne serait-ce que pour leur montrer que je ne suis pas le seul à leur servir. » (Lacan, Jacques. *Comme je suis né poème et papouète*. In *Manuscrits*. Paris : Artcurial ; 2006). Gentileza de R. Cevalco para S&P).

⁵⁶ Lacan, Jacques. (1976) “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 569.

⁵⁷ Bousseyroux, Michel: *Lacan el borromeo. Abondar en el nudo*, ediciones S&P, p. 37.

⁵⁸ Soler, Colette fala do GPS do analista.

⁵⁹ Soler, Colette em Pré-textos Jornadas de Escola 2017.

⁶⁰ Lacan, Jacques. *Conferência na Universidade de Yale*. 24 de novembro de 1975.

O fato de estar atravessado pela experiência analítica produz efeitos que vão mais além de nós, analistas. São efeitos de discurso e da estrutura do dispositivo analítico.

A experiência de uma análise levada a seu fim assegura que “*Isso*” tem efeitos. Produz um desejo inédito e singular, o desejo do analista, que se transmite em ato na cura. Fazer semblante de objeto para permitir que o analisante passe pela experiência e chegue o mais longe possível no percurso. Para isso, o analista deve estar aberto à contingência que produz surpresas.

Na *Conferência na Universidade de Yale*, Lacan pergunta aos psicanalistas da plateia o que fez com que escolhessem esse *job*⁶¹ duro, difícil.

Refere-se ao desejo de Freud e a seu próprio. Freud começou escutando as histéricas e isso o levou a se perguntar sobre a sexualidade, sobre aquilo que não anda, sobre aquilo que produz tropeço.

Lacan nos diz que chegou à medicina porque suspeitava que as relações entre o homem e a mulher desempenhavam um papel determinante nos sintomas dos seres humanos. Em seu trabalho como médico, logo escutou que as pessoas sofriam por causa daquilo que não ia, que não andava. Refere-se ao amor e, em seguida, fala da psicose como “falência” (falha) naquilo que diz respeito ao amor.

De um lado, está aquilo que fez com que cada um de nós se interessasse pela psicanálise, aquilo que nos levou à análise. De outro, o percurso que produz um analista, mais além da pergunta que o anima.

A singularidade está em jogo. Mas, no dispositivo, o analista opera a partir do lugar de onde se coloca e de onde é colocado. O analista é o produto de uma análise levada até o fim.

Nas conferências sobre *O saber do psicanalista*, Lacan propõe a questão, recorrente em seu ensino, sobre “como é que um analisante pode um dia ter vontade de se tornar psicanalista”⁶². “É impensável”⁶³, diz. E, continua, “Eles chegam a sem ter a menor ideia do que lhes acontece. Enfim, uma vez que estão ali, eles compreendem, e há contudo, naquele momento, algo que desperta”⁶⁴.

Não é da ordem do pensamento, mas do “saber sem sujeito”, de algo que acontece e surpreende. É um modo de assinalar a contingência, o real em jogo e o despertar, na passagem de analisante à analista.

É aí, pelo ato, pelo salto de analisante à analista que se produz uma mudança e o analisante passa à analista, com a perda que isso implica.

O analista como sujeito suposto saber cai e o analisante se confronta com a castração, com o furo. A experiência analítica requer tempo, pois, como analisantes, não queremos saber nada disso.

Como o analisante operava antes de chegar ao final da análise? Operava porque uma análise permite operar, antes mesmo de dar o salto final. É fato, os analistas costumam se autorizar antes do final da análise. O que nos deu “a força (*el nervio*) de receber pessoas em nome da análise?”⁶⁵. É interessante conseguir precisar em que momento da análise nos autorizamos

⁶¹ *Ibid.*, Silicet; 6/7:8.

⁶² Lacan, Jacques. (1971-1972) *Conferências na capela do Hospital Sainte-Anne “O saber do psicanalista”*. 6 de Janeiro de 1972. Edição de circulação interna. Recife: Centro de Estudos Freudianos, p. 50.

⁶³ *Ibid.*, p. 50.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 50.

⁶⁵ Lacan, Jacques. Conferência na Universidade de Yale. 24 de novembro de 1975. In: Lacan, Jacques (24 novembro– 2 dezembro 1975). *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines*. Silicet 1976; 6/7: 7-63. Disponível em Pas-tout Lacan, pp. 1742-1764.

como analistas. Isso é algo do qual podemos responder no dispositivo do passe. É um passo que responde a um giro da análise, que supõe a queda das identificações, um momento de separação que permite nos colocarmos no lugar de semblante de objeto.

O que muda? Que saber se produz no final?

Nós analistas somos tolos do inconsciente, mas também “advertidos”.

A ética analítica, como indica Lacan em *Os não tolos erram*, se funda no modo de ser cada vez mais fortemente tolo desse saber, desse inconsciente, que, finalmente, é nosso único lote de saber.

Acho essa afirmação forte e precisa. Esse saber que levamos colado à pele é o único que temos.

Uma análise levada até o final produz um compromisso com a comunidade analítica, com a Escola, que já não é “dos outros”, mas se torna “nossa”. Fazemo-nos responsáveis por ela. Já não podemos nos queixar, a mas fazer Escola, apostar por incidir nela, com os meios próprios de nossa comunidade de Escola: o Cartel, as instâncias, o trabalho na comunidade.

O “saber do psicanalista”, obtido da experiência, é difícil de transmitir. Não o é tanto no dispositivo do passe, no encontro com os passadores e naquilo que eles transmitem ao Cartel. Mas o é no esforço de transmissão à comunidade feito pelos analistas nomeados pela Escola.

Esse saber que querem fazer passar, é um saber sempre falho, pela metade, que produz perguntas, desperta e, às vezes, pode parecer escasso.

De que saber se trata? Não é um saber muito esplendoroso, mas é “lúcido”. É um saber de retalhos, de restos. Não se trata daquilo que instituí, mas do que foi destituído, e que permite operar.

O AE diz algo do que o levou a ocupar esse lugar, algo desse desejo louco, de como ocorreu. Às vezes, algo passa. Outras vezes, não passa. Não se trata do sentido, mas do sem sentido. Nem tudo pode ser dito, há um indizível em jogo.

Em *Os não tolos erram*, Lacan se refere ao passe dizendo que “dá a oportunidade, de repente, de ver um certo relevo”⁶⁶. Para poder ver o relevo é preciso distanciar-se, ter perspectiva. O relevo também se refere à escrita, à erosão, ao ravinamento, que não é metafórico. Os traços, as marcas, constituem uma topografia, um relevo. A escrita é da ordem do real, do ravinamento do significado. A re-petição produz ravinamento. Quando a via do sentido se esgota, aparecem, poderíamos dizer, as partículas em suspensão. É algo daquilo que estava ali desde o início, mas foi preciso o percurso analítico para que pudesse se decantar.

“Dar-se conta (ver) de repente” faz alusão à dimensão do tempo, ao instante que marca um antes e um depois.

As elaborações de Lacan, a partir de 1970, vêm unir o registro da linguagem falada e o gozo. Em *Mais, ainda*, há coalescência do elemento significante e o gozo. A escrita advém traço onde se lê um efeito da linguagem.

A repetição se faz presente para dizer que o Um, o traço, está sozinho; o dois não advém. É preciso cotejar esse “há do um” com o “não há relação sexual”, que não se refere só ao não há relação sexual com o parceiro, mas também à falta de harmonia própria ao falante-ser-letra, ao falasser (*parlêtre*). Esse Um é um “Um” muito particular, que separa o Um do Dois, é também um abismo.

⁶⁶ Lacan, Jacques (1973-1974). O Seminário, livro 21: *Os não tolos erram/ Os nomes do pai* [*Les non-dupes errent*]. Edição de circulação interna. Lição de 13 de novembro de 1973.

O “isso fala” exige um “isso se escreve” que produz a re-petição, a re-petição da perda porque o dois não advém. A dimensão da re-petição obedece ao que não cessa de se escrever, à necessidade, e se apoia na marca que configura o sintoma, que faz suplência à falta de relação sexual.

O que muda a partir de uma análise? Michel Bousseyroux, em seu texto *Qual enodamento entre inconsciente e satisfação no fim da análise?* (“*¿Quel nouage entre inconscient et satisfaction a la fin?*”), refere-se à perda de sentido e à possibilidade de uma nova escrita. Quando enviamos um texto à impressão e colocamos na margem um sinal de correção para indicar que uma letra, uma palavra, uma linha ou algumas linhas devem ser subtraídas, suprimidas, escrevemos “*d’ un autre effaçon*”⁶⁷. Aqui, precisamente, *effaçon* tem a ver com “de outro modo” e, ao mesmo tempo, refere-se ao apagamento. Isso mostra que as regras de escrita mudam. Trata-se de uma subversão, em termos do escrito, que incide na vida do sujeito e também em sua prática como analista. A análise tem efeito de escrita, não poderia ser diferente.

Em sua transmissão, cada AE, à sua maneira, com seu estilo, tenta dar conta do que, para ele, foi produzido. O que esperamos dos AEs?

Lacan esperava deles que, com sua experiência, pudessem ajudar a fazer a psicanálise avançar e esclarecer a passagem de analisante à analista.

O AE é aquele que quis dar “as provas”, quis poder transmitir algo daquilo que apreendeu de sua experiência. É por isso que está especialmente sensível, advertido daquilo que concerne ao inconsciente. É fortemente tolo do inconsciente.

O analisante que chegou ao final de seu percurso, ao final da análise, experimenta, sente, o furo. Esse furo do qual temos horror e do qual defendemo-nos esquecendo, dormindo ou assentando-nos em um saber instituído, mais próximo ao discurso universitário do que ao discurso analítico. É por isso que o topo da experiência analítica é precário. Há um instante fugaz de abertura, de clarão [*destello*]. Algo do real se vislumbra, mas, em seguida, o inconsciente se fecha, a escuridão volta. Esse real provoca seu desconhecimento e sua negação.

O AE não só nos traz um pouco de ar fresco, de algo novo, que nem sempre podemos pegar, mas que, contudo, nos toca, nos impacta, como também produz um torvelinho. Com seu testemunho, com seu trabalho, o AE aborda a teoria a partir do que foi produzido em sua experiência e a partir de uma posição nova. Aquilo que transmite é singular, é de sua própria colheita. Se o escutamos com certa ingenuidade, sem tentar fazer com que todos os parafusos entrem nos buraquinhos, eles nos põem a trabalhar, pois abordam os problemas cruciais da psicanálise.

Lacan queria que houvesse torvelinho em sua Escola, que estivesse acordada e viva. É especialmente do AE que algo do novo pode vir, algo que nos impulse a trabalhar, a acordar. Eles estão ainda na brecha, trabalham a partir da hiância.

Não podemos esquecer que, como psicanalistas, temos uma relação complexa com o saber, uma vez que o negamos, o recalamos e, às vezes, até não queremos saber nada disso. Assim, a meu ver, é por isso que Lacan frequentemente insiste para que os analistas “jovens”, os que ainda estão próximos daquilo que foi sua experiência, possam escutar coisas que passam despercebidas para os veteranos. Portanto, manter viva a experiência do inconsciente é o que nos dá certo saber fazer.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

⁶⁷ Bousseyroux, Michel. *Lacan, le borroméen*. Toulouse: Érès, 2014, p. 265.

“Saber haver-se”?

Camila Vidal

“Esse saber haver-se ainda é meio próximo demais do savoir-faire, sobre o qual pode ter havido um mal-entendido agora há pouco, o qual aliás favoreci, para agarrar vocês por onde convém, pelo ventre. Trata-se mais de um saber haver-se (savoir-y-être).”⁶⁸

O que a psicanálise nos ensina é que há um furo no saber; um furo no saber sobre a constituição do sujeito, ali só resta uma marca, marca de gozo desta constituição que nenhum saber virá jamais recobrir. Um impossível que concerne tanto à análise quanto a sua transmissão e, portanto, à própria formação do psicanalista. Esta é a origem dos sintomas, poderíamos dizer, dar um significado a essa falta e como sujeitos nos apressarmos a transformar esse impossível em impotência na tentativa, sempre infrutífera, de escapar do horror produzido por esta origem em relação à linguagem.

Para Lacan o psicanalista, mais que o resultado de uma formação é o produto de uma análise levada até seu fim, ou seja, o analista é o produto da própria análise, da mesma forma que o sujeito é o produto da operação de linguagem, por isso pode dizer em algum momento que ele nunca falou da formação do analista mas de formações do inconsciente jogando com a de-formação que a formação introduz.

É necessário, então, perguntar-se que saber é o que se obtém ao final de uma análise e em que esse saber permite ao analista um saber fazer diferente na direção da cura.

O percurso do tratamento e sua finalização me permitiu verificar como o ponto no qual se constitui a neurose é ao mesmo tempo o ponto de separação. Ali onde a contingência de meu nascimento pôs em evidência a dificuldade de minha mãe com o nome, constituindo o nó da própria neurose, é o mesmo ponto que produz esse desencontro precoce entre ambas e me obriga a buscar fora, produz um ponto de separação radical que possibilitará mais adiante o encontro com a psicanálise. Ou seja, onde a operação de separação possibilita o advento do sujeito, ali mesmo se constrói a neurose, por isso a análise permite a esse sujeito separar-se de seu próprio ato, não confundir-se com ele, questão crucial para a direção do tratamento se temos em conta o que Lacan nos diz sobre o ato analítico que é um ato sem sujeito (“é um sujeito que em ato não é” Aula de 10 de janeiro de 1968, Seminário O ato analítico).

É possível relacionar este saber obtido ao final com o saber fazer do analista? É possível estabelecer uma articulação entre ambos?

Uma prática não tem necessidade de ser esclarecida para operar, nos diz Lacan, no entanto podemos afirmar, sem nos distanciar demasiado de sua colocação, que o “saber fazer” não só requer necessariamente do esclarecimento mas também que está intimamente ligado a ele.

Vamos à clínica.

“Não se deixar usar” esta é a forma clínica que toma o ponto de separação em um filho de uma mãe abusadora. Creio que o exemplo mostra bem, por um lado a eficácia da formulação no que se refere à separação, não se deixar usar, e por outro o patológico, no sentido de pathos, da neurose aí constituída. A análise opera sobre o fantasma sustentado nessa formulação, mas nada pode fazer com a marca deixada por essa constituição. Autêntico incurável, portanto, posto que o “não se deixar

⁶⁸ Lacan, Jacques. (1968-1969). O Seminário, livro 16: *De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 202.

usar” não é uma resposta do sujeito, mas o sujeito mesmo é essa resposta, insondável decisão do ser que funda a possibilidade mesma da operação de separação que completará assim o advento do sujeito.

Barata [*Cucaracha*] é a ponta mínima tomada do outro, necessária para produzir um enodamento ali onde o oximoro materno convoca unicamente a opacidade de um gozo, aquele que “seria necessário que não...”. “Fazer-se um nome com as insígnias do Outro” é o axioma fantasmático construído na relação com esse oximoro e “fazer-se esmagar” é a vertente pulsional enlaçada via significante com “barata”.

O surgimento desse axioma permite uma re-interpretação da história.

“Barata” foi marcada com um “fazer-se esmagar” sua existência. O descobrimento de que atrás desse “barata” se encontra a dificuldade materna com o nome deixa vislumbrar a opacidade do desejo materno e produz a queda do Outro: “...não era uma dificuldade com ela, era uma dificuldade dela (da mãe) mesma.

Chegando a esse ponto “barata” é o mesmo que qualquer outro significante provido de qualquer outra significação possível. Pouco importa ainda que obviamente, não seja indiferente e que tal significação tenha sido de grande importância ao longo da história.

Pouco importa o sentido, porque a significação cai, já não é necessário “fazer-se esmagar” para sustentar o sintoma, para sustentar o Outro, uma vez que “barata” tornado *sinthome* possibilita a consistência subjetiva por fora do ato que o fez possível.

Assim o pulsional, sempre ligado ao significante e que não tem outra forma de traduzir-se que não seja na forma de pensamento, trabalha contra a separação e nesse sentido se alia ao saber e ao pensamento. “Voltei a me deixar enganar” dizia uma paciente fazendo referência ao enredamento mil vezes repetido em relação a uma formulação precisa: “não há direito”. É o enrolar-se ao qual faz referência Lacan, que deixa sempre o sujeito suspenso em seu sintoma à mercê desse Outro que não existe.

Portanto, de um lado o ato e do outro o pensar, vertentes de uma polarização a serviço da identificação e a falta de separação ao próprio ser falante. É a fórmula do ato, nos diz Lacan, seu efeito de ruptura sobre o cogito.

A queda do sentido ao final da análise permitirá o atravessamento do fantasma e a queda do Outro, consequência, como dizíamos: já não é necessário “fazer-se esmagar” para sustentar o Outro, para sustentar o sintoma, uma vez que este se sustenta sozinho (barata); entretanto algo disto será posto em jogo em cada momento decisivo de separação para este sujeito, não pode ser de outra maneira, já que é assim que se constituiu, essa marca de gozo é indissociável do próprio *parlêtre*. A partir deste esclarecimento o sujeito poderá, quando seja o caso, distante do padecimento neurótico, ler ali, a cada ocasião, nesse “fazer-se esmagar”, a marca de uma separação realmente efetuada. Real incurável, mas que permite certamente um “fazer” diferente com a pulsão...às vezes. Sair do emaranhado, reconhecer aí sua própria marca e extrair as consequências.

O “saber fazer” do analista não é outra coisa, no meu entender, que o resultado deste esclarecimento.

Primeiro, constatação do incurável. Verificação do sujeito como produto, ou seja, resto da operação de linguagem, posição necessária para a operação do analista.

Lugar difícil porque a análise pode destituir o saber criando um desejo inédito, o desejo do analista, sustentado na constatação de um furo no saber, mas o que não se desdobra, como dizíamos, é a própria marca, marca deixada pela forma como foi constituído no ato de separação, autêntico real singular que faz do próprio *parlêtre* um resto de operação da linguagem.

Um caso clínico apresentado nas últimas jornadas da EPFCL, ocorridas em Vigo, trazia o caso de um homem que se apresenta no consultório como um dejetivo social e ao qual, o encontro com um psicanalista, permite abordar a questão do resto de forma a não ter que encarná-lo. Entre negá-lo, como trata de fazer o capitalismo, e encarná-lo como fazia este sujeito há outro tratamento possível. Esta é a aposta da psicanálise.

Poderíamos inclusive dizer que a a psicanálise é em si mesma um resto, um produto da civilização, do saber da ciência. Um discurso que se reconhece como falho e de um momento particular da história do humano; não é um discurso universal e que, por sua vez, produz também seus próprios dejetos, não nos esqueçamos. Nossa mesma Escola do Campo Lacaniano poderia ser pensada como tal.

Portanto, é a constatação, na análise, da posição do sujeito como resto da operação de linguagem, o que permitirá ao analista operar em posição de objeto destinado a converter-se em mero resto, lugar necessário para o desdobramento de qualquer tratamento.

Segundo. Se podemos dizer que a neurose se constitui no mesmo ponto em que o ato de separação permite a finalização da constituição do sujeito (alienação-separação), então nos encontramos diante do fato de que efetivamente há um ato sem sujeito, prévio a sua constituição, já que é necessário para que este possa constituir-se. Isso se coloca, então, a serviço da direção do tratamento, uma vez que o ato do analista é também um ato sem sujeito. Essa constatação do fim fornece, não de um modelo, mas a estrutura que permite o posicionamento do analista por fora da posição subjetiva, por fora do pensar.

É como sujeito que se pode dizer sim ou não, na posição de objeto só cabe o sim. Permitir que o analisante se descole de seu gozo, deixá-lo desenvolver o argumento, a experimentação e as provas, para chegar a constatar sua evidência - poderíamos dizer, utilizando o uso que se faz em ciência da noção de benevolência - deixar-se usar, agora sim, para colocar o outro em trabalho.

A mesma regra de associação livre não pede outra coisa que a “abdicação” do sujeito, separar o sujeito do ato de dizer⁶⁹ para apontar para o real de sua constituição.

Separar-se do ato, não se confundir com ele, implica então uma distância da ética do bem e do mal para introduzir-se no terreno político do que é possível, liberando o sujeito de toda exigência do impossível; e é aí onde o supereu se esvazia de sua demanda sádica.

Trata-se de fazer do real uma referência, uma bússola, esta é a orientação lacaniana, “saber haver-se” (saber estar ali/savoir-y-être) como nos diz Lacan na citação do início do texto.

A “Névoa”, tal como a apresentei em meu testemunho do passe, aparece como o que outorga um ponto de ruptura a esse trabalho de simbiose que o pensamento e os atos produzem no “mental” do ser humano. O oxímoro da Névoa é um ponto de chegada pois sempre foi o ponto de partida, mas não é nada em si mesmo até o momento em que se produz a separação desse real.

Somente isso, nenhum saber, nenhum real pois não se trata de permanecer na Névoa, mas simplesmente de estar aí, separado dela, essa é a posição analítica. Em termos freudianos, não é outra coisa que a atenção flutuante. Névoa de escuta de palavras separado dessa escuta.

Tradução: Luiz Guilherme Mola

Revisão da tradução: Sandra Berta

⁶⁹ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 15: *O ato psicanalítico*. Lição de 7 de fevereiro de 1968.

OUTROS TEXTOS

A transmiss(ã)om⁷⁰ da Psicanálise

Marie Annick Le Port Gobert

Texto apresentado em Toulouse (polo 6, FCL), no 28 de março de 2017.

O que há de novo após a conclusão de Jacques Lacan, em 1978 no Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre a transmissão, quando ele diz que com sua invenção do passe, ele acredita que há uma transmissão possível da psicanálise?

Ele chega a pensar que a psicanálise é intransmissível e que cada analista deve se pôr a reinventar a psicanálise.

Isso foi então dois anos antes de sua morte e bem depois de “O Aturdido”. Até mesmo sua hipótese de fazer valer uma inscrição matematizável da questão da pulsão ou do gozo parece não ser mais viável. Seria seu trabalho sobre os nós borromeanos que lhe faz renunciar a hipótese da transmissão?

Apoio minha argumentação na frase de Lacan em *O Aturdido*. “*Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve⁷¹”⁷²* e me coloco na tarefa de fazer o que Lacan propõe, pensar a transmissão da psicanálise em termos de sua impossibilidade de ser transmitida.

Tenho bem presente a noção de real da experiência na psicanálise.

Sabemos que essa experiência, acontece no corpo. Entre dizer e desejo há, com efeito, o espaço mantido da psicanálise em seu real o qual sempre nos perguntamos como transmitir.

Em janeiro passado, em Avranches, assisti uma conferência proposta por Vicky Estevez AE ‘traumatizada’⁷³ de nossa Escola há 5 anos. Ela nos fez escutar o fundo sonoro de diferentes línguas gravadas por 2 pesquisadores (Vincent Barras e Jacques Demièrre). Sua proposta foi de nos fazer ouvir o singular fundo sonoro de diferentes línguas e fazer valer o que Lacan nos diz em *Mais Ainda*: o dizer ex-siste em relação ao significante.

Imediatamente, isso me deu, sem que soubesse ainda [*encore, en-corps*, no corpo], uma percepção do que poderia ser o efeito sonoro da língua no sujeito. Principalmente sobre o pequeno bebê que percebe desde o nascimento os sons do Outro que lhe fala. “Captei” alguma coisa de um Dizer de minha colega que me atravessou no momento mesmo em que ouvi suas gravações. Seguindo seu trabalho sobre a transmissão que posso escrever com o pequeno ‘ã’⁷⁴, entre parênteses. O pequeno ‘ã’ [i] do imaginário excluído dessa transmissão que não é missão, mas som.

É uma sonoridade improvável que lhes proponho então, a *transmisSOM*.

⁷⁰ *Transmiss(i)on*, no original.

⁷¹ O verbo *entendre* tem a conotação de *ouvir* e *entender* em francês, adotaremos, para este texto, a opção *ouvir*, mais usual, e advertimos o leitor que em muitos casos a acepção ‘entender’ parece mais adequada.

⁷² Lacan, Jacques. *O Aturdido*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003, p. 448.

⁷³ A palavra ‘trou’ em francês é também traduzida por ‘furo’. No texto, a autora utiliza ‘troumatisée’, mas na tradução essa possibilidade se perde.

⁷⁴ “i”: *transmiss(i)on* / “ã”: *transmiss(ã)o*.

Haveria um Dizer que passa através dos ditos, ouvido nas palavras da língua e que se esquece. Provavelmente nada mais do que uma musiquinha que se ouve em toda transmissão qualquer que seja ela. Penso aqui no livro do Primo Levy *É isto um homem*.

É a primeira música de *alíngua* [*lalangue*], atravessando o corpo do bebê, um Dizer sobre o desejo de viver vindo do Outro, que permitirá ao bebê se fazer um corpo e de atravessar o muro da linguagem para dele se servir por meio dos buraquinhos, dos significantes que ele escolherá para se decidir a falar.

Como isso se passa?

A chegada da sonoridade dos ditos do Outro fará choque, atentado contra o corpo. A primeira reação será a recusa desta tentativa do real sobre o corpo da criança. Essa recusa constitui a primeira afirmação do sujeito. A seguir vem a posição ética do sujeito, sim já está lá, ao consentir em fazer passar ao corpo os sons provenientes dos significantes da mãe.

O corporal tece com os significantes da linguagem, em sua sonoridade, os entalhes, os sulcos (como dizia Marie-Noëlle Jacob Duvernet) que farão traço.

É a ressonância, como um eco longínquo no corpo, que irá fazer corte, separação radical do sujeito de si mesmo. É o eco no corpo, como nos diz Lacan. Esse eco, consentido pelo pequeno sujeito, não produzirá nada mais do que um fenômeno de gozo do corpo. É esse Dizer do corpo que ficará esquecido, primeiro recalçamento originário, primeira *Behajung* do sujeito do inconsciente.

Vemos bem essa experiência quando o bebê se exercita ao produzir suas primeiras lalações. Ele faz caretas, empreendendo um esforço extraordinário com sua boca, sua garganta, seus músculos, para enfim produzir uma lalação improvável, que produzirá novo saber, para sempre adquirido e provocará uma jubilação bem exteriorizada. Esse júbilo será contagioso e o Outro lhe fará referência, repetindo com o bebê para reencontrar rapidamente, antes que isso se perca, o gozo produzido por essa invenção da nova lalação, esboço da linguagem seguinte que virá mais tarde. Isso que se transmite é da ordem do desejo de viver, pulsão em direção à vida, induzida pela do Outro.

Por essa pura escuta musical, o fundo sonoro das palavras faladas pela voz do Outro, passam do acontecimento da sonoridade ao advento incorporado do significante da linguagem, de onde irá se constituir uma novidade radical, uma fala possível que fará linguagem e laço com os outros.

Falo da ética do sujeito, porque é claro, trata se para o bebê de consentir, não apenas em se deixar levar pelas sonoridades reais do Outro, mas também de admitir que a passagem ao corpo de início ao gozo provocado e faça então corte para dar lugar ao significante de *alíngua*.

O que advém daí é inédito, o jamais dito que nascerá deste encontro com o Dizer impossível de dizer. A escolha sonora se tornará um dizer, uma escolha arbitrária e improvável, desconhecida pelo sujeito, a ultrapassagem completa, lhe tornando outro para si mesmo. Mas sua grande surpresa será inventar um som/significante que será sua marca de fábrica no desejo do Outro, e o inscreverá para sempre na linguagem.

Aquele que recusar esse choque, esse primeiro gozo consentido, e se mantiver nessa recusa sem poder passar ao saber, será um sujeito autista? E o psicótico, como podemos supor a passagem? Talvez diante da sonoridade, haja consentimento do gozo, passagem ao corpo, mas a passagem à linguagem se fará pela não escolha de suas sonoridades, todas iguais sem distinção, sem a proposição desejanse do Outro que insiste que a passagem ao significante seja orientada por seu desejo. Num só golpe, todos os significantes da língua serão tomados como soltos sem escolha possível, o que culminará em um sujeito que poderá manejar e aprender a linguagem, mas sem amarração, sem a punção da metáfora paterna, sem traçar o

sulco escolhido das palavras da fala futura. Pode se então ver aqui que é entre o Dizer e o Desejo que se transmite a vida. E que o Desejo, é então o desejo do Outro.

Não se trata então de nada além disso, nada a mais ou a menos, no procedimento do passe lacaniano. Eis o modo como entendo o entusiasmo após o passe para o analista jamais conseguir dizer do desejo de analista, que se fará um saber ao ter sido ouvido. Talvez não apenas ele, mas também o cartel.

O entusiasmo vem de ter atravessado esse momento, aquele onde o gozo remanescente que faz viver torna se somente, simplesmente uma musiquinha que se ouve e que não ficará, que se esquecerá, até o próximo momento onde o *automatôn* da vida desemboque na depressão. De repente, sem nenhum aviso, essa música vem novamente tilintar o ouvido do sujeito do inconsciente, acorda-lo, lhe propor uma nova passagem frente ao inesperado do real. A passagem precedente do gozo ao saber ouvida deixará um traço.

Essa sonoridade escolhida, esse Dizer que situa o sujeito em relação ao Desejo que não pode se dizer, e então em relação à castração que é puro real, será sempre o sal da transmissão. Particularmente esse (sal) que o cartel do passe no dispositivo da Escola pode ouvir do desejo de analista, que é também ele um Dizer que se ouve. A Nomeação de AE é provavelmente fundada sobre o entendimento de cada um que constitui o cartel. É isso que suponho que provoca ou não uma nomeação de AE.

O Dizer serviria para situar com um grande D no nível da transmissão do desejo que não pode se dizer, mas que se ouve. Será preciso que o analista saiba fazer soar o saber impossível do passe com seu corpo, em seu ato, a cada vez que esse for requisitado. Será preciso ter incorporado seu próprio saber, mas também o dos outros, de seus pares, de Freud e Lacan.

Dizer é um ato⁷⁵. É o que nos diz Lacan, dizer não é uma fala, nem uma canção, apenas a música que indica que estamos passando por um momento marcante, que ficará esquecido, mas que fará traço.

Na conclusão do 9º congresso da EFP em julho/78, à qual fiz referência à propósito da transmissão, Lacan se coloca a questão de saber como ocorre ao analista essa possibilidade de curar seus pacientes das neuroses, na ausência mesmo do desejo de curar. Ele supõe que há ‘algo’, que é uma questão de ‘truque’. Qual a razão para não supor que esse ‘algo’ feito com a voz do analista, que é o mais real de sua pessoa, é sobre ela que o paciente irá suportar o sintoma? A voz escapa para cada um, sabemos disso, não temos ideia alguma, qualquer representação, isso ultrapassa o sujeito. Mas isso lhe permite restituir seu corpo.

Esse algo do passe, o que se transmite, na passagem que vai do encontro da impossibilidade de dizer ao gozo assumido da vida, até o ato fundador de um saber muito específico, esse algo, é algo que hoje me agrada chamar de um som, ou alguma coisa que parece com isso, uma musicalidade. Uma improvável musicalidade.

A passagem frente ao muro da linguagem, como no impasse do sujeito que se vê vazio de objeto no passe, se faz, a meu ver, do mesmo modo. É a confrontação a um gozo absolutamente ligado ao nada, ao vazio de sentido. Há diretamente do choque com o corpo (um *tuché*)⁷⁶ uma ligação imediata ao fato de nada compreender, daí decorre um trabalho que tem lugar de saber. É porque esse gozo que não se liga a nada explicável, podemos chamar de gozo Outro, gozo d’A mulher que não existe. Gozo impossível de dizer, que apenas se experimenta.

De onde, outra questão: se há uma contingência provável entre o gozo feminino e a transmissão da psicanálise, esse ‘algo’ musical é ouvido do mesmo modo pelos homens e

⁷⁵ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 22: *RSI*. Lição de 18 de março de 1975.

⁷⁶ *tiqué*

pelas mulheres? Ou ainda: como o Dizer passa para as mulheres e para os homens? Como agarrar o sexual da linguagem?

Se o Dizer depende do gozo feminino, e a gramática da linguagem proposta pelo Outro depende também de uma sexuação, o Dizer desse Outro não está ausente no desejo de interpelar sua criança ao lhe indicar seu sexo no seu desejo. A marca da linguagem irá inscrever então, no corpo da criança uma identidade sexual, qualquer que seja o sexo anatômico dessa criança. É apenas mais tarde, com o consentimento fálico que a criança se orientará talvez diferentemente. Essa reflexão advém, em parte, de uma conversa com minha colega e amiga Elisabeth Léturgie, ela também traumatizada [*troumatisée*] AE em dezembro de 2004.

Concluindo, os cinco tempos lógicos que proponho extrair do processo de integração do Real com o corpo do sujeito do inconsciente, visam dizer algo de um possível entendimento da transmissão, seja ele da psicanálise ou da transmissão de qualquer ordem.

Choque com o real/ Recusa/ Ética do sujeito/ Ato/ Novo saber fazer com o gozo indizível

Indica que essa passagem obriga a invenção de um novo saber, produzido do inédito, seja na vida ou na análise. Esse novo saber é um saber que não pode se dizer, se explicar, se contradizer evidentemente, um saber não oponível a qualquer coisa que seja. Ele assinala um ponto indiscutível, incompreensível e inesperado da vida, aquele do gozo primeiro ocorrido no momento de um atentado, um golpe no corpo do humano, a linguagem, cuja consequência ele tem que engolir, seja ela o gozo que se impõe e não importa em que momento da vida, tampouco quantas vezes ele se impuser, e da qual temos que nos fazer de amigos preferencialmente, o parceiro e vence-la. Isso ajuda, nas vezes seguintes, a se sentir em princípio vencido, para vencer em seguida com a eficácia da castração encontrada na vez precedente.

E isso nos indica talvez que para a psicanálise, sua transmissão e seu futuro não se trata provavelmente de nada além dessa música, esse ‘algo’, essa ‘melodia’ [*mélodie: mêle au dit*⁷⁷] como me propôs Jacques Tréhot... essa respiração, quem sabe?

Tradução: Tatiana Assadi

Revisão da tradução: Sandra Berta

Do saber-fazer ao saber-dizer do psicanalista

Albert Ngûyen

HFOE Barcelona – 19 de novembro de 2016

Vou tentar desenvolver algumas observações sobre essa questão do saber, desta vez declinada de uma maneira diferente da suposição de saber que está no coração da psicanálise, na transferência. Ora, precisamente a suposição de saber é o motor da produção do saber inconsciente, e finalmente, os dois termos que avancei para essa intervenção resultam, do lado do analista, ao mesmo tempo o saber-fazer e o saber dizer e, do lado do analisante, a

⁷⁷ misturada ao ditto. (NdT).

incursão do dizer nos ditos. Em “O Aturdito”, Lacan mostrou que esta dimensão do dizer é da ordem do real e que o dizer suporta os ditos na cura, ele ex-siste aos ditos.

Este saber-fazer que se pode facilmente ligar àquilo que se chama de experiência do psicanalista, o saber do psicanalista depende do que se pode colocar sob a expressão “estar avançado em anos” [*avoir de la bouteille*]⁷⁸ equivalente a “ter experiência”, “já ter visto isso de todas as cores”.

Creio que podemos opor aí aquilo que Lacan pôde dizer em outro lugar, ou seja, que não é suficiente apertar as teclas certas para que o saber venha e resolva a análise do analisante. É a crítica do psicanalista funcionário que Lacan reiterou diversas vezes. Vocês sabem que ele não deixou de colocar e recolocar os analistas na berlinda: o funcionalismo do psicanalista é um de seus alvos.

De onde, aliás, ele vai questionar, como vamos ver, este saber-fazer, particularmente em *Sinthoma*, muito interessante sobre esse ponto: com efeito, ele declinou o saber, o saber-fazer [*savoir-faire*] e o “saber fazer aí com” [*savoir-y-faire*] e mesmo em outra parte, o “saber haver-se” [*savoir-y-être*] e o “saber-entrar” [*savoir-entrer*]; e o sentido de cada fórmula varia. Podemos ligar essa declinação com o ternário: artesão, artífice, artista.

O saber fazer é do registro do artesão, enquanto que para o artista há algo que vai mais além do saber-fazer. Que exista para o artista um certo uso do artifício, isto é, do simbólico, não se pode mais pensar sua prática de outra forma: o artista produz algo da ordem do singular, do único, mas não sem passar pelo artifício.

Aliás, penso que podemos, de uma maneira mais leve, aproximar o artesão cuja produção tem a ver com um certo artesanato, com uma certa bricolagem com o modelo do analisante e o artista, com o modelo do analista, aquele que ultrapassou um certo artifício para chegar à arte da interpretação (exemplo de artífice: o dispositivo analítico ou o recurso a certas representações sociais).

A arte do analista depende da arte-dizer, o que é bem mais difícil [*plus coton*]. O analista, ao iniciar sua prática, se encontra muitas vezes bem mais próximo do artesão (um elefante numa loja de porcelana, dizia Lacan).

Então, aquilo que chamamos a experiência do analista, experiência que é a da cura, à qual é necessário acrescentar a experiência que ele faz da doutrina, do saber analítico estabelecido e, em terceiro lugar, a experiência que ele tem do saber adquirido em sua própria cura e – isso é sobremaneira importante – as consequências que ele pode tirar desse acesso ao real que – é necessário lembrar – é na psicanálise real sexual: não há relação sexual.

A arte de dizer do analista depende deste ternário do saber, do nó que se faz a partir:

- daquilo que ele escuta nas curas que ele dirige,
- de sua elaboração (*Durcharbeitung*) a partir do saber obtido em sua cura,
- da sua relação à doutrina analítica. Deveria ser feito um capítulo sobre a evolução da relação do analista ao saber de doutrina. Eu dou apenas um eixo pois a questão é ao mesmo tempo vasta e arriscada: a relação com a doutrina se esclarece à luz do desenvolvimento do saber advindo das consequências que o analista tira do saber de sua cura, no primeiro plano do qual faz-se necessário colocar evidentemente sua relação com o real e sua relação com a verdade.

⁷⁸ A expressão “*avoir de la bouteille*” é uma expressão francesa que tem sua origem numa metáfora dos domínios vinícolas e que tenderia a dizer que o vinho amadurece ao envelhecer, de preferência em sua garrafa. (NdT).

Por ora, deixo de lado essa questão pois penso que ela é um pouco espinhosa mas estou certo que o trabalho da Escola, se ele ficar limpo daquilo que Lacan chama no discurso à EFP “a produção estagnante dos psicanalistas” - daí porque ele esperava dos AE um saber sobre os pontos vivos da psicanálise - dessa forma, o trabalho da Escola, com essa condição, pode contribuir para fazer avançar, alargar o trabalho da doutrina da qual Lacan nos deixou sulcos promissores.

Acrescento que o dizer não se superpõe exatamente ao ato, pois se “o ato tem o lugar de um dizer que modifica o sujeito”, portanto ele não pode ser assimilado ao dizer – salvo, talvez, se considerarmos que o dizer e o ato constituem duas modalidades do corte. Com efeito, o dizer pode muito bem se apresentar como corte silencioso, mesmo como emenda [*épissure*], junturas [*raboutage*]. O que fica claro e é por isso que se pode considerar que o dizer e o ato são importantes, e que se trata de refazer, de reparar o nó mal feito na neurose entre o simbólico, o imaginário e o real que contornam em seu centro o objeto “a”.

Foi isso que eu disse a respeito em meu argumento, que lhes relembro agora: “trata-se de que o analista abra a via para seu analisante, o que não pode acontecer sem que lhe demos voz. O que pode querer dizer “dar voz”?”

Dar voz equivale a “dizer” e em que medida “dar voz” tem relação com o real?

É necessário aqui retomar esta questão da voz que Lacan resolveu ao estabelecer a teoria do objeto “a”. Ele deu à voz um estatuto particular ligado à estrutura, diferente daquele das outras pulsões pois implica esse outro órgão que não pode se fechar, a orelha, pelo fato de que o trajeto da pulsão se encontra modificado, é um ir sem volta.

Na cura o analista está na posição de semblante do objeto. É nessa posição que ele pode abrir a via trazendo à luz o saber analisante, não sem querer... dizê-lo. E, esse “lo” de “dizê-lo” é da maior importância. Vou tentar fazer vocês compreenderem isso.

Em seu Seminário *L’insu* que vem justamente depois de *O sinthoma* e no qual Lacan introduz “o um equívoco” [*l’une-bévue*] e onde, em novembro, ele avança a teoria de final da análise conforme a identificação ao sinthoma, ele trata disso na sessão de 21 de dezembro de 1976 ao interrogar a diferença entre saber e conhecimento.

“O saber-fazer é demonstrativo no sentido que não funciona sem a possibilidade de um-equívoco. Para que essa possibilidade se extinga é preciso que ela cesse de se escrever, ou seja, que encontremos um meio”.

E ele diz: como distinguir equívoco e saber?

Há “o saber que se sabe” e “um-equívoco” substitui o saber que se sabe pelo princípio “de que se sabe sem sabê-lo”. Ele faz equivaler este “lo”, não a um saber, mas ao *fato de saber*, e acrescenta: “É bem nisso que o inconsciente se presta ao que acreditei dever suspender sob o título de “um-equívoco”.

Vocês devem ter notado que ele se utiliza desta expressão “O que se sabe”⁷⁹ (*on-sait*), encontrada neste mesmo ano em o *Prefácio à edição inglesa do Seminário XI*: “O que se sabe, consigo [*on le sait soi*]⁸⁰ de l’esp de um laps – e conclui “só então temos certeza de estar no inconsciente”⁸¹ (inconsciente real).

É a partir daí que a expressão “saber lidar” [*savoir y faire*] que Lacan formulou com o saber e o saber-fazer adquirirem sentido. “Saber lidar” não tem o mesmo sentido de “saber-fazer”,

⁷⁹ Lacan, Jacques. Prefácio à edição inglesa do Seminário XI. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.; 2003, p. 167.

⁸⁰ Ibid, p. 167.

⁸¹ Ibid, p. 167.

a diferença, diz Lacan, é que para o saber lidar, não se toma a coisa em conceito. Isso vai permitir a ele acrescentar em 15 de fevereiro de 1977 que a relação do saber com o inconsciente implica “O que se sabe, consigo” [*On le sait soi*]:

“O inconsciente é uma entidade que tentei definir pelo simbólico, mas que não é, em suma, senão uma entidade a mais, uma entidade com a qual se trata de saber lidar [*savoir y faire*]. Saber lidar [*savoir y faire*] não é a mesma coisa que um saber [...] O inconsciente é o que faz mudar alguma coisa, o que reduz o que chamo o sintoma [*sinthôme*] [...]”⁸²

Por exemplo, ele sublinha que no título do seminário “*L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*” - O não sabido que sabe de um-equívoco se ampara da morra - (uma *asa* que se alava à mora) essa *asa* que é ela, e ela ou ele é o inconsciente, portadora (portador) de saber.

Chamo a atenção de vocês para o que Lacan conclui disso e que me parece ilustrar perfeitamente, dar peso, tanto “àquilo que se sabe sem saber” quanto “o que se sabe, consigo” [*on le sait soi*], que se está no inconsciente (é nisso que se o inconsciente é um saber, como ele diz em *Les non-dupes errent*, no final do Seminário, é um saber que desagrada, e ele desagrada porque trata-se de um tipo de saber particular, de um saber que se sabe mas que não diz seu nome). Eu o cito:

“*Ele (o inconsciente) sabe, no absoluto e apenas no absoluto, ele sabe que eu sei o que havia na carta - acrescento: na carta*⁸³ *de amor do Seminário 20, S(A) -, mas que apenas, eu sei - pois que, com efeito, não existe Outro do Outro Na realidade, ele não sabe portanto nada, a não ser que eu sei, mas que isso não é razão para que eu lhe diga*”⁸⁴ (e, isso também não é uma razão para se ignorar o “que se sabe”).

Devo dizer que descobri isso ao trabalhar para esta intervenção e que, finalmente, captei as duas faces do inconsciente: se de um lado, o inconsciente se capta pelas formações do inconsciente, por outro, o inconsciente real não pode ser captado a não ser através desse dizer “que se sabe” [*qu’on sait*] que equivale ao “o que se sabe, consigo [*qu’on le sait*]”, saber sem saber determinado, sem saber da ordem do simbólico e eu irei até o ponto de dizer que é um saber impossível, e por isso, real. De um lado há esse saber do simbólico que se diz, que pode passar ao dito, e de outro lado, esse saber que não passa ao dito, da ordem da letra que se escreve e que é, portanto, da ordem de um-dizer. (Peço que vocês me desculpem pela aridez de meu propósito, mas penso que essa diferença é capital para a análise e para os psicanalistas)

O inconsciente como real, o inconsciente real, é ele também marcado pelo impossível: eis aqui a consequência principal do “não há relação sexual”.

Tudo isso não é sem consequências para a prática da análise onde se trata de dizer. E dizer implica a voz. Não se pode falar em saber dizer sem levar a voz em consideração, esta voz da qual Lacan fez o objeto *a* por excelência.

Para aquele que se coloca como analista, há sempre que escutar, antes mesmo de poder ouvir a ligação muito forte que existe entre a voz e a língua. Trata-se de escritos, certamente, mas justamente eles são ouvidos como voz e que, além do mais, é única, o qual dá uma indicação quanto ao campo que a voz cobre: cada uma carrega um dizer.

Portanto, há sempre a escutar, sem por isso cair na hipocondria da escuta, para a colheita do dizer no coração daquilo que se diz ou se escreve.

⁸² Lacan, Jacques (1976-1977). O Seminário, livro 24: *L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*. Lição de 15 de fevereiro de 1977. Tradução de Jairo Gerbase. www.campopsicanalitico.com.br

⁸³ Nota do tradutor: *lettre*, em francês se presta a essa dupla tradução: *letra* e *carta*.

⁸⁴ Lacan, Jacques (1976-1977). O Seminário: *L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*. Lição de 15 de fevereiro de 1977. Tradução de Jairo Gerbase. www.campopsicanalitico.com.br

As últimas linhas dos Poemas de Samuel Wood, de Louis René Desforêts⁸⁵ são um convite a essa escuta:

*“Se fazer ouvir uma voz vinda de alburess
Inacessível ao tempo e ao desgaste
Se revela não menos ilusória que um sonho
Entretanto, há nela algo que dura
Mesmo depois que o sentido tenha sido perdido
Seu timbre vibra ainda ao longe como uma tempestade
Que não sabemos se se aproxima ou se afasta.”*⁸⁶

Com efeito, se se escuta é porque há algo para ser ouvido, não explícito nos ditos, contudo necessitados, mas que busca passar a barra da surdez. O que se ouve entre linhas, entre as frases e entre as palavras? O que busca se fazer escutar?

Sobre esse ponto Lacan foi um exemplo vivo durante todo seu ensino. E o livro de Claude Jaeglé, *Retrato silencioso de Jacques Lacan*⁸⁷ coloca isso particularmente em evidência. Quem não esperou, desejou, sonhou de se fazer escutar ao falar? A questão é difícil.

A voz de Lacan, tão particular, tão escandida, ao mesmo tempo doce e estrondosa, engolida pelo silêncio e ao mesmo tempo pela cólera, ao mesmo tempo suspensa, hesitante, suspirante, jamais fluída embora por vezes precipitada... e, poderíamos prolongar a série de qualificativos que resumo por: onipresente (ainda que a transcrição oficial do Seminário a sufoque singularmente), essa é sua característica. Entretanto, pode-se opor a essa inflação da voz no Seminário, a relativa discrição dos trabalhos que Lacan consagrou especialmente à voz. Mas é necessário, por outro lado, apoiar-se sobre a insistência, isso é, o furor que Lacan coloca em querer ser escutado. É preciso dizer que mais frequentemente, sem consegui-lo, o que ele próprio não se priva de assinalar.

“*Hörst-du*”, “ouvido”, escreve Paul Celan, ele próprio bastante seguro de não o ser, (ouvido), em todo caso, por Heidegger.

O que queria Lacan fazer ouvir mais além do conteúdo de seu Seminário que o levava a se queixar abundantemente de não o ser? Queria ele apenas fazer passar essa pulsão, “se fazer ouvir” ou ainda tinha ele a certeza de não o ser, daí suas cóleras frequentes?

Penso mais além dessas hipóteses, que ele tentava passar [*kekchose*] “qualquer coisa” que tem a ver com a transmissão da psicanálise, transmissão pela qual o todo-matema fracassou, e os nós mergulharam seus auditores e leitores numa certa perplexidade: aquilo que ele tentava fazer passar não é outra coisa senão o próprio desejo do psicanalista, o que fora sua obstinação.

*

⁸⁵ Desforêts, Louis René. Poème de Samuel Wood, in Oeuvres complètes. Editions Gallimard. Coll. Quarto. Paris 2015, p. 1003.

⁸⁶ Nota do tradutor: tradução livre.

⁸⁷ Jaeglé, Claude. Portrait silencieux de Jacques Lacan. Editions PUF. Paris 2010.

Desejo, portanto, de se fazer ouvir: O que se tornam as pulsões, uma vez atravessado o fantasma fundamental? Lacan deu, em ato, a resposta a essa questão: ele fez da voz o objeto que respondia a isso.

"[...] as pulsões são, no corpo, o eco do fato que há um dizer. Esse dizer, para que ressoe, que ele consoe, outra palavra do *sinthoma mandaquino*, é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é. Porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, porque ele não pode se tapar, se cerrar, se fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei de voz"⁸⁸.

Da minha parte, ouço essa questão sobre a voz, em Lacan, como sendo sua lição sobre o desejo do analista. Desejo esse, observo, que não recebeu nenhuma definição. Por outro lado, Lacan fala colocando em ato esse desejo, mostrando, de alguma forma, o ato analítico. Neste ato de Lacan se entende o porquê ele pôde dizer na "*Proposição de 67*" que o analista "se vê tornar-se uma voz"⁸⁹, completando a célebre afirmação "Eu fundo, tão só como sempre estive" se referindo à sua Escola. Deduzo daí uma concepção da voz como voz de solidão, como necessidade de colocá-la, de encontrá-la e, a isso a experiência analítica responde: o ato vai além o Outro e é precisamente porque ele vai além que se torna possível escutar aí outros, mais além da tela do fantasma.

Está aí toda a questão.

Na "Proposição...", Lacan nos dá dois exemplos de final de análise que convergem sobre um ponto: a queda do sujeito suposto saber cuja modalidade é o desaparego.

Um que "encontrou a chave do mundo na fenda da impúbere"⁹⁰. No final, "o psicanalista não tem mais que esperar um olhar, mas se vê tornar-se numa voz"⁹¹. E o outro, que atravessa o jornal, atrás do qual seu genitor "abrigava o campo de adubação dos seus pensamentos"⁹², o que "devolve ao psicanalista o efeito de angústia em que ele oscila em sua própria dejeção"⁹³.

Como compreender esse "se vê tornar-se uma voz"? Observo que o analista não tem mais que esperar um olhar, objeto privilegiado do fantasma do analisante, fantasma que ele justamente atravessa e que o analista até então sustentava. Mas, e aqui está o ponto: ele se vê tornar uma voz. A chave se encontra na conclusão do segundo caso: "oscila em sua própria dejeção". O analista reenviado a seu des-ser, trapo, resíduo deixado pelo analisante. Fim de análise.

Duas observações:

A primeira: "se vê tornar-se uma voz" significa um olhar que se destaca para deixar lugar àquilo que podemos interpretar como sendo a pulsão invocante. Portanto, na análise se produz um movimento que diz respeito aos dois parceiros da análise. Pois, é necessário colocar o acento nesse fato que este "se vê" nada tem a ver com a visão. É um "se vê" lógico, da ordem de um "vejo a solução" "eu vejo aquilo que você quer dizer", que não implica nenhuma visão, mas que introduz um tempo, uma temporalidade por dedução lógica.

A segunda observação que se deduz: é necessário então completar a fórmula "se vê tornar-se numa voz" com "o tempo necessário para dizê-lo" do qual Lacan, em *Os não incautos erram*,

⁸⁸ Lacan Jacques. O Seminário, livro 23: O *sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, pp.18-19.

⁸⁹ Lacan Jacques., Proposição sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003, p 260.

⁹⁰ Ibid., p. 260.

⁹¹ Ibid., p. 260.

⁹² Ibid., p. 260.

⁹³ Ibid., p. 260.

dá a própria estrutura da voz. O manejo do objeto voz, como todos os objetos “*a*”, aliás, está ligado ao tempo. Chamo a atenção para o fato de que este tempo a ser atravessado é o tempo da ejeção do analista: a travessia do fantasma não diz respeito apenas ao analisante, mas sim aos dois parceiros. Vejo aqui uma ocorrência daquilo que levou Lacan a dizer que o psicanalista tem horror de seu ato, ato que o deixa cair morto [*laisse sur le carreau*]. É também porque, sem dúvida, ele pôde qualificar o objeto “*a*” de uma porcaria. Se para o analisante, o final de análise “concede liberdades”, está claro que para o analista o final de análise não é engraçado (drôle), mas é verdade também, que ele deve ter adquirido, em sua própria cura, a medida daquilo que lhe espera em sua prática como analista. Ser reduzido a pequeno “*a*” implica em não poder sustentar-se por nenhuma imagem. Daí se pensar que as análises podem durar, sem que se veja o final, pelo fato de haver algo mal trabalhado na questão do desejo do analista, para isso há apenas um passo... (deixo isso em suspense).

Se assim posso dizer, a introdução da voz torna a orelha mais atilada pois existe algo a ser escutado, “a alteridade daquilo que se diz”. Ele diz isso depois de ter introduzido o *chofar*, esse chifre de bode no qual se assopra em certas festas judaicas para que o povo se recorde, lembre-se do pacto e cada vez, trata-se de renovar a Aliança. Lacan chama esse som de “o mugido de Deus”, o *chofar* é, assim, assimilado à voz de Deus.

Lacan indicou sua estrutura temporal “a voz é o tempo que se leva para dizer algo”, “a voz é a escanção com a qual eu conto para vocês tudo isso”, eco da expressão de “Radiofonia” “é o tempo necessário para se fazer ser”.

Volto à passagem de Lacan: “Há alguma coisa assim que está ligada à... ao tempo que eu levo para dizer as coisas, pois o objeto pequeno a está ligado a essa dimensão do tempo. É completamente distinto do que é do dizer”⁹⁴. E ele insiste: “o dizer não é a voz”, “por conta, ele também não é o escrito”: o dizer, o escrito e a voz estão enodados pelo tempo ou ainda, o silêncio enoda a voz, o dizer e o escrito. A voz não é estrondosa, ela borromeianiza.

Resta saber qual silêncio está em questão: certamente são as suas duas formas, “*silet*” e “*taceré*”. É questão de “*silet*” porque “*taceré*” deixa sempre a possibilidade e quebrar o silêncio retomando-se a palavra, enquanto que “*silet*” envia a um impossível, a um real.

*

Em uma palavra: a voz como objeto não é redutível ao som, ao timbre, à fonação, ao ruído, ela tem mais a ver com a separação, com o que se cede, e com o silêncio. A voz tem a ver com a escritura?

Lacan que se queixava incessantemente de não ser ouvido, ao mesmo tempo que uma multidão de pessoas o escutava, introduziu nesse “escutar” seus diferentes níveis: está claro que não se tratava apenas da capacidade física, porém, que a intenção do dizer não deveria ser negligenciada.

Essa dimensão [*dit-mension*] do dizer não é tão importante pelo fato da intenção, mas sim porque aquele que escuta ouve outra coisa diferente daquilo que o sujeito quer dizer: um saber que não se sabe, ou que o sujeito não sabe que sabe, “esse pedúnculo do saber” que é o inconsciente. A experiência analítica mostra que, seja qual for a intenção do dizer, aquilo que é dito está sempre deslocado: é isso que chamamos inconsciente, que atravessa a intenção para deixar passar algumas irregularidades de linguagem como diz Sollers a propósito de Joyce: lapsos, chistes, faltas gramaticais ou sintáticas. Ora, são precisamente essas irregularidades que constituem o “isso” em “é melhor escutar isso que ser surdo”.

Mas, além dos jogos do significante, do lado do analista, o mais importante é ouvir aquilo que não é dito, ou aquilo que é dito sem que o sujeito o saiba e, do lado do analisante, o que

⁹⁴ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 21: *Les non dupes errent*. Lição de 9 de abril de 1974.

deve ser ouvido supõe que não se escute falar, pois, escutar falar, incontestavelmente, impede que se ouça. O que deve ser ouvido do lado do analisante supõe tirar as consequências dos ditos: tomar nota, não é isso o mais difícil ao longo de toda análise, e não é por isso que Lacan havia indicado que o fim da análise aconteceria quando o analisante cessasse de se contradizer em tudo?

Aquilo que se ouve e aquilo “que se diga” destaca isso. É a dimensão do dizer mais além dos ditos. É esse dizer que ressoa... por pouco que seja escutado, efetivo. E, se isso ressoa é porque o corpo está aí implicado, o corpo e seus orifícios.

Não vou entrar em detalhes sobre tudo que Lacan pôde dizer sobre a voz no decorrer de seu Seminário. Menciono o *Seminário 10, A angústia*, o 11 e a pulsão invocante que introduz uma modificação capital, um novo traçado da pulsão, o 17 onde aparece a voz como sustentação do períneo dos astronautas no espaço, o 23 e a questão de uma transmissão que não passa mais pelo Nome do pai mas pela função de fonação no caso de Joyce. A isso podemos acrescentar “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, nos *Escritos* e o “Aturdito”, em *Outros escritos*. Observemos além disso, o excelente artigo de Eric Porge no número 32 da revista *Essaim* e aquilo que seus livros *Eco da voz* e *O arrebatamento de Lacan* trazem sobre este trajeto de ida sem volta da pulsão invocante.

Na página 492 de *Outros escritos*, em “O aturdito”, Lacan escreve: “esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser “estruturado como uma linguagem”, isto é, como a *lalingua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras”⁹⁵.

Citação a ser conectada com esta outra: a *lalingua* se precipita na letra: escritura, eco vivo de “Lituraterra”:

“Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que só vira literal quando, essa virada, vocês podem toma-la, a mesma, a todo instante. É somente a partir daí que podem tomar-se pelo agente que a sustenta.”⁹⁶

Como isso opera? Pelo ravinamento, pelos sulcos escavados, pelos traços que deixam ratos das passagens da língua: “É pelo mesmo efeito que a escrita [*écriture*] é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante.”⁹⁷

E, acentuemos a frase seguinte: “A escrita não decalca este último, mas sim seus efeitos de língua, o que dela se forja por quem a fala”.⁹⁸

Nisso a voz toca o Real, é um impossível de ser dito, um impossível no coração desse jogo dos ditos ao dizer que eles cernem. Alteridade daquilo que se diz, ela é como objeto “*d*”, *a-phona*.

Pois esses ditos são escandidos, a voz é esse traço de escanção, traço de escritura que faz entrar na sua estrutura a temporalidade.

É nisso que, se pela parte orgânica, a voz ressoa, tem um timbre, pode gritar, pode “fonar” [*phoner*] ao outro, pode fazer eco, de outra parte, a voz tem uma algo ligado com o que se escreve silenciosamente, a letra. A voz “si-fonou” [*si-phoné*] o Outro para deixar vir o poema

⁹⁵ Lacan Jacques. O Aturdito. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003, p 492.

⁹⁶ Lacan Jacques. Lituraterra. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003, pp. 21-22.

⁹⁷ Ibid., p. 22.

⁹⁸ Ibid., p. 22.

onde se escuta o canto, a voz como causa do desejo: prova da ligação da *lalíngua* com a letra e com o inconsciente.

Nisso ela é singularidade, traço de humanidade que faz com que uma voz, embora possa ser imitada, em realidade seja única. Ela é diferença absoluta, o que constitui o estilo de cada um. Uma análise levada até seu ponto sintomático pode aí chegar. E, tomando ato (ata) disso, se abre à série de consequências, em particular na condução das curas e, certamente, na vida onde alguns acontecimentos, índices do real, podem se produzir, por exemplo, o amor que é um dizer-acontecimento.

E, se Lacan falou tão pouco de “sua voz” é precisamente porque a função “causa do desejo” da voz não sofre nenhum comentário por parte de um sujeito dado, o que é esperado, escutado, se verifica em ato. Este ato analítico que, digamos, Lacan inventou, da mesma forma como inventou o objeto “*a*” e o Real.

Se cada um é determinado por uma versão do pai, Lacan, no final de seu ensino acrescentou a isso uma versão da voz que para cada um vai além do Nome do pai.

A voz do ato, a voz para o ato, é a única via a ser tomada por um psicanalista que fez a experiência do silêncio real. É na medida em que um psicanalista pôde “fazer entrar seu desejo em sua voz” que ele tem possibilidade de entrar na frequência da língua do seu analisante.

Tradução: Elisabeth Saporiti

Revisão da tradução: Sandra Berta

Os adventos do real e o psicanalista

X Encontro da Internacional dos Fóruns

A Escola e os discursos

“Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”

VI Encontro Internacional de Escola



Apresentação do tema do X Encontro da IF

Os adventos do real e o psicanalista

Vinte anos terão sido atravessados desde a criação da *Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano*, depois da iniciativa lançada em Barcelona em julho de 1998, novo passo que, seguindo o caminho traçado por Sigmund Freud e Jacques Lacan, adveio como movimento de contra-experiência visando a criação de uma *Escola de Psicanálise* que nasceu, efetivamente, em 2001.

Vinte anos depois, nós nos reencontraremos novamente em Barcelona, aqueles e muitos outros, por ocasião do *X Encontro da Internacional dos Fóruns* e do *VI Encontro Internacional de Escola*. Dispomos do essencial: a impulsão do desejo da Comunidade internacional, o compromisso dos Fóruns de Barcelona e do resto da Espanha para que sua organização chegue com segurança à realização, e o título do Encontro que funcionará, até lá, como eixo estruturante do trabalho dessa Comunidade.

Os adventos do real e o psicanalista.

Um título enigmático em razão de sua semântica de “adventos”; em razão de seu plural – pluralidade da diversidade dos elementos do que é real e pluralidade de suas diferentes acepções – de “o que retorna sempre ao mesmo lugar”, fazendo obstáculo ao bem-estar, até o real do que pode transbordar –; enigmático ainda pela complexa relação entre ambos os termos, pela dependência do segundo em relação ao primeiro, mas não só isso.

Se, como Lacan o afirma em “A Terceira”, o futuro da psicanálise depende do que advém de real – e não ao contrário –, quais são as consequências desses adventos – sustentados pelo discurso científico – para os laços sociais e, em particular, para o discurso analítico, aquele que adere o analisante ao par analista-analisante?

Um título que introduz questões, nos mantém despertos, um título que nos fará trabalhar. Não há advento de real que não venha truncar o ilusório e esperado na experiência de continuidade no *fallasser*, quer se trate do traumatismo do Outro como constituinte, quer se trate do real do gozo do corpo, aquele do acidente, ou ainda, disso que produz o avanço da ciência. O que quer dizer que todo advento do real implica um efeito, efeito imediato que é de afeto – a angústia – ou efeitos mais silenciosos, incalculáveis, que se difundem no social e que, constatamos, não cessam de produzir novas segregações. Não está nas mãos do psicanalista reduzir os adventos do real; o psicanalista pode responder, ele pode, nos diz Lacan, contrariá-lo.

Rosa Escapa e Ramon Miralpeix, Presidentes da Comissão de Organização.

Comissão Científica

Sandra Berta, Rithée Cevasco, Diego Mautino, Silvia Migdalek, Patricia Muñoz, Susan Schwartz, Colette Soler.

Comissão de Organização

Rosa Escapa y Ramon Miralpeix (coordenadores), Jacqueline Ariztia, Jorge Chapuis, Carmen Dueñas, Ana Martínez, José Sánchez, Teresa Trías.

Informações

Telefones: +34 683 576 111

rosaescapa@gmail.com

miralpeix@copc.cat

Local

Centro do Congresso Internacional de Barcelona (CCIB) : <http://www.ccib.es/>

Apresentação do VI Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

A Escola e os discursos - “Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”

“... Há para vocês – deveriam querer isso – outra forma de passar sua revolta de privilegiado: a minha, por exemplo. Lamento apenas que tão poucas pessoas que me interessam se interessem por aquilo que me interessa”. (J. Lacan, *Ornicar* 49, p. 7)

A fundação, por Lacan, de sua Escola de psicanálise se inscreve numa história dos discursos. É esta última que lhe confere o seu lugar no espaço social, e lhe atribui suas tarefas.

Sem dúvida, a fundação, por Lacan, de sua Escola é, de fato, anterior à sua escrita dos matemas dos discursos; ela não o é, porém, em seu esforço de prestar contas da experiência analítica por meio de um discurso inédito até Freud. Sua aparição respondeu a uma realidade ela mesma inédita, uma forma do sintoma tornada intratável. Com efeito, o sintoma não data de Freud, ele é correlativo da própria existência da fala. Foi ainda preciso poder reconhecê-lo como tal para daí poder esclarecer, retrospectivamente, seus avatares históricos.

Assim, o discurso do mestre e o da histérica são solidários em seu embate. A ordem significativa impõe essa divisão, que responde a um corte sem remédio entre o representante e o representado. Consequentemente, o discurso do mestre, que repousa no consentimento ao Um que se excetua, nunca vai sem a parte de sombra do sujeito, com que se adorna a histérica para completá-lo.

Esses dois foram suficientes por um tempo para ordenar o mundo, mas, diante da decomposição do império do Um, o mestre, para continuar a falar em nome de todos, teve que se refugiar atrás do saber.

O discurso universitário é, portanto, uma “regressão” aos olhos do esforço de verdade ao qual a histérica faz apelo. O sujeito aí se encontra cortado da verdade, num sofrimento tornado inarticulável, e, portanto, inaudível. Assim, deslegitimada, ela se tornou mais gritante à medida que a ciência, que se tornou a do cálculo contável, apagava os interlocutores possíveis, sacerdote e médico.

Foi então que um novo interlocutor nasceu para o sujeito, o psicanalista, obviamente. Padecendo como a histérica das violências do novo mestre, ele soube ouvir e restituir-lhe a razão.

O projeto de Freud foi o de tornar as novas violências da civilização mais suportáveis, até mesmo atenuá-las. Podemos dizer que ele conseguiu mudar o olhar de sua época sobre o gênero humano, suas motivações e suas realizações, suscitando, assim, expectativas talvez desmedidas. Hoje, o discurso do mercado triunfante desfaz ainda mais os laços tradicionais.

Em reação a isso, Lacan nunca promoveu, em nome de Freud, um ideal do coletivo; pelo contrário, ele insistiu sobre o laço do um por um, mas, contudo, fundou a Escola. Um coletivo, portanto, que ele queria que fosse inédito, na medida da novidade do discurso analítico, integrando suas aquisições em seu funcionamento, até a seleção e a garantia dos analistas.

Essa preocupação com a coerência visava não somente seu funcionamento interno, mas também a função que ele atribuía à psicanálise: uma operação contra o mal-estar na civilização, da qual a Escola devia ser a base. Que seja de defender e preservar seu campo, ou de conquistar um campo vasto, que se limite à perpetuação da experiência ou que queira pesar sobre as escolhas da cidade, é preciso, porém, que ela possa se fazer ouvir como recurso.

Ora, o mal-estar contemporâneo é nosso conhecido: “a sede da falta-de-gozar”. Com efeito, a originalidade do discurso capitalista, saudado por Lacan como uma performance, é de propor, ele mesmo, seu próprio tratamento, numa corrida sem fim. Quer saibam ou não, os sujeitos que ele determina estão aí presos. Como, então, o discurso analítico pode lhes fazer sinal [*faire signe*] de uma solução outra? Por que querer renunciar à sede da falta-de-gozar e seus tormentos inebriantes, e em nome de quê?

Está claro que hoje estamos num momento particular da psicanálise, e nos faltam modelos para responder a isso. Depois de ter suscitado uma credulidade quase beata junto aos formadores de opinião, ela é de novo objeto de uma forte desconfiança, até mesmo de uma rejeição, por charlatanismo. Aos olhos dos métodos baseados na química das interações moleculares e das estatísticas, o neurocomportamentalismo disputa com ela seu lugar no mercado.

O apelo à intervenção do psicanalista padece, obviamente, desta desvalorização.

Donde algumas questões:

- O que, em nosso funcionamento de Escola, procede, com pertinência, de cada um dos discursos?
- Como, na Escola, controlamos nossos processos de seleção e de garantia, como os situamos na ordem dos discursos, estando entendido que nenhum deles vai sem os outros três com os quais ele fecha o círculo ordenado do desejo?
- Como aí intervém o quinto discurso, do capital, que desfaz esse círculo para se impor sozinho?
- Como a psicanálise pode oferecer tratar os impasses do sujeito se o discurso contemporâneo se sustenta por não admitir nenhum? – Entre recuo monástico, com sua ameaça de fragmentação, e impostura fadada à retaliação coletiva, quais estratégias adotar para conservar a reconquista do campo freudiano e lacaniano?

Marc Strauss
2 de setembro de 2017.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

VI ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCOLA acontecerá dia 13 de setembro de 2018, em Barcelona, antes do Encontro Internacional da IF, dias 15 e 16 de setembro. O CAOIE e o CIG 2016-2018 organizarão o programa. Na véspera, dia 12 de setembro, de 16 às 20h, o quarto Simpósio sobre o passe reunirá os dois últimos CIG, aos secretariados do passe correspondentes e aos passadores que exerceram a função durante esse período, para uma reflexão sobre o funcionamento do dispositivo.

PROGRAMA

Simpósio do Passe

12 de setembro

VI Encontro de Escola

13 de setembro

X Encontro Internacional da IF-EPFCL

14 e 15 de setembro

Assembleias

16 de setembro

Tarifas

	Tarifa plena			Estudantes com menos de 28 anos		
	VI Encontro de Escola 1 dia	X Encontro Internacional da IF 2 dias	Os três dias	VI Encontro de Escola 1 dia	Encontro Internacional da IF 2 dias	Os três dias
Antes de 28/04/2018	140 €	240 €	280 €	70 €	120 €	140 €
Até 13/09/2018	160 €	290 €	330 €	80 €	150 €	170 €

AGRADECIMENTOS

O CIG agradece a todos os colegas de todas as línguas que contribuíram com a imensa tarefa das traduções. Sem esse esforço comum seria impossível poder publicar periodicamente nossos debates sobre a Escola e, certamente, sustentar o espírito vivo do internacional.

TRADUTORES:

Tradutores em língua espanhola

Clara Cecilia Mesa, Juan Guillermo Uribe, Beatriz Zuluaga, Rosa Escapa, Isabelle Cholloux, Lina Vélez, Francisco José Santos Garrido, Lydie Grandet

Tradutores em língua italiana

Maria Luisa Carfora, Maria Eugenia Cossutta, Piero Feliciotti, Antonella Gallo, Roberta Giacché, Patrizia Gilli, Antonia Imperato, Elisa Imperatore, Paola Malquori, Diego Mautino, Vittoria Muciaccia, Eva Orlando, Maria Domenica Padula, Silvana Perich, Ambra Proietti, Marina Severini, Cristina Tamburini, Francesca Tarallo

Tradutores em língua portuguesa

Glaucia Nagem, Elisabeth da Rocha Miranda, Fernanda Zacharewicz, Cícero Oliveira, Dominique Fingermann, Leonardo Pimentel, Maria Claudia Formigoni, Luiz Guilherme Mola, Tatiana Assadi, Elisabeth Saporiti, Sandra Berta.

Tradutores em língua francesa

Lina Velez, Isabelle Cholloux, Elisabete Thamer, Susan Schwartz, Xabier Oñativia Bagüés, Ana Alonso, Devra Dimiu.

Tradutores em língua inglesa

Chantal Degril, Esther Faye, Deborah McIntyre, Sara Rodowicz-Slusarczyk, Susan Schwartz, Devra Simiu, Barbara Shuman.

Sumário

EDITORIAL	1
JORNADAS EUROPEIAS DE ESCOLA BARCELONA, 21 & 22 JANEIRO 2017, O SABER DO PSICANALISTA E SEU SABER-FAZER	1
Intervenções das dois AE, nomeadas em fevereiro e novembro de 2016.	
<i>Fazendo caminho</i> , Marie-Noëlle Jacob-Duvernet, Angers, França	2
<i>Uma psicanálise não pode tudo</i> , Elisabete Thamer, Paris, França	7
Outras intervenções	
<i>Os acidentes do psicanalista</i> , Marc Strauss, Paris, França	8
<i>Interpretar, um saber-fazer?</i> , Patrick Barillot, Paris, França	11
<i>O operador analítico</i> , Françoise Josselin, Paris, França	15
<i>Saber e saber-fazer na psicanálise</i> , Colette Soler, Paris, França	16
<i>“Saberá fazer-se uma conduta...”</i> , Gladys Mattalia, San Miguel de Tucumán, Argentina	22
<i>De que saber se trata</i> , Cora Aguerre, Vigo, Espanha	24
<i>“Saber haver-se”?</i> , Camila Vidal, Vigo, Espanha	28
OUTROS TEXTOS	
<i>A transmiss(ã)om da Psicanálise</i> , Marie-Annick Le-Port Gobert, Vannes, França	31
<i>Do saber-fazer ao saber-dizer do psicanalista</i> , Albert Nguyễn, Bordeaux, França	34
OS ADVENTOS DO REAL / A ESCOLA E OS DISCURSOS	
PRESENTAÇÃO	43